



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

ELENEIDE DE OLIVEIRA SILVA

**A SÍNCOPE NAS PROPAROXÍTONAS DAS COMUNIDADES RURAIS
AFRO-BRASILEIRAS DO ESTADO DA BAHIA: UMA ANÁLISE
SOCIOLINGUÍSTICA**

**Salvador
2020**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

ELENEIDE DE OLIVEIRA SILVA

**A SÍNCOPE NAS PROPAROXÍTONAS DAS COMUNIDADES RURAIS
AFRO-BRASILEIRAS DO ESTADO DA BAHIA: UMA ANÁLISE
SOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: História e funcionamento das línguas naturais (Área I). Linha: Dialectologia e Sociolinguística.

Orientadora: Dra. Juliana Escalier Ludwig Gayer.

Salvador
2020

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Silva, Eleneide de Oliveira
A Síncope nas Proparoxítonas das Comunidades Rurais
Afro-brasileiras do Estado da Bahia: Uma Análise
Sociolinguística / Eleneide de Oliveira Silva. --
Salvador, 2020.
108 f. : il

Orientadora: Juliana Escalier Ludwig Gayer.
Dissertação (Mestrado - Mestrado em Língua e
Cultura) -- Universidade Federal da Bahia, Programa
de pós-graduação em Língua e Cultura - Instituto de
Letras, 2020.

1. Síncope nas proparoxítonas. 2. Fonologia. 3.
Sociolinguística. 4. Variação Linguística. I. Gayer,
Juliana Escalier Ludwig. II. Título.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado a vida, a coragem, a persistência, a fé e a saúde para concluir esta etapa.

À professora Dra. Juliana Gayer pela orientação, pela atenção e apoio desde a Iniciação Científica na graduação. Sou e serei eternamente grata por tudo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da UFBA, pela oportunidade. Aos professores e colegas do Mestrado.

Ao projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia, por disponibilizar os dados para análise.

Às professoras Manuele Bandeira e Cristina Figueiredo, por participarem da banca examinadora e pelas contribuições fundamentais.

À minha família pelo amor, carinho, estímulo e amparo. Aos meus pais Francisco Carneiro e Francisca de Oliveira, pelos ensinamentos, valores e princípios. Ao meu irmão Ivanildo, pelo acolhimento. Ao meu irmão Irenildo, pelo incentivo e apoio. À minha irmã Elizabete, pela parceria em todos os momentos.

A Anderson, por todo amor, compreensão, cuidado, por ser meu companheiro em todas as horas. Por me acalmar nos momentos difíceis e festejar comigo nos momentos de glória. A sua presença tornou tudo mais leve e positivo.

A todos os meus tios e primos que me acolheram e acreditaram em mim, em especial, à tia Valdete Fontes, tio Roque Carneiro, Cleonice Oliveira e Antônio Santos, por todo incentivo e apoio.

Às colegas de pesquisa e amigas, Ludquellen e Amanda, pela parceria e apoio em todos os momentos.

À minha irmã de coração, Lucinéia Maria, por todo incentivo, carinho e acolhimento. À Liu Vilares, pelo apoio, amizade e positividade.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte deste processo, os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Nesta dissertação de Mestrado, apresentamos a investigação sobre a síncope nas proparoxítonas nas comunidades rurais afro-brasileiras que compõem o banco de dados do Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia, coordenado pelos professores Dante Lucchesi (UFF) e Gredson dos Santos (UFBA). As quatro comunidades afro-brasileiras, Cinzento, Helvécia, Rio de Contas e Sapé, fazem parte do Acervo de Fala Vernácula do Português Afro-Brasileiro. A síncope das proparoxítonas é um processo variável que envolve uma mudança na estrutura silábica. Com sua aplicação, um ou mais fonemas são apagados em sílaba postônica, o que transforma palavras proparoxítonas em paroxítonas, como xícara > xícra, útero > útro, óculos > óclus, abóbora > abobra, entre outros. O principal objetivo deste trabalho é analisar a síncope nas palavras proparoxítonas nas comunidades rurais afro-brasileiras do estado da Bahia, ampliando a descrição do português no nível fônico da língua. Foram selecionadas, do banco de dados, doze entrevistas classificadas por sexo (masculino e feminino), escolaridade (analfabeto e semianalfabeto) e faixa etária (20 a 40 anos, 40 a 60 anos e mais de 60 anos). No total foram analisadas quarenta e oito entrevistas, doze de cada comunidade. Foram oitocentos e dezesseis dados coletados das entrevistas das comunidades estudadas que passaram por uma análise estatística do programa Goldvarb X, considerando algumas variáveis já analisadas em outras pesquisas. As teorias usadas para este estudo foram a Sociolinguística Variacionista, proposta por Labov (1966), e a Teoria da Fonologia Métrica, com a análise métrica do acento, seguindo a proposta de Hayes (1995), e a Teoria Métrica da Sílabas, com ênfase na proposta de Selkirk (1982). Esta pesquisa teve como base alguns trabalhos que analisaram a síncope nas proparoxítonas, como Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008), Santana (2008), Ramos (2009) e Chaves (2011). Após a rodada no programa estatístico, os grupos que demonstraram favorecer a realização da síncope nas proparoxítonas foram contexto fonológico seguinte à vogal postônica (líquida lateral e líquida vibrante), traço de articulação da vogal postônica (coronal e labial), comunidade (Cinzento), contexto fonológico precedente à vogal postônica (labial), estrutura da sílaba tônica (sílabas pesadas) e escolaridade (analfabeto).

Palavras-chave: Fonologia. Síncope nas proparoxítonas. Sociolinguística Variacionista.

ABSTRACT

In this Master's dissertation, we present the investigation on syncope in proparoxytones in the Afro-Brazilian rural communities that make up the database of the Vertentes Project of the Portuguese Popular of the State of Bahia, coordinated by the professors Dante Lucchesi (UFF) and Gredson dos Santos (UFBA). The four Afro-Brazilian communities, Cinzento, Helvécia, Rio de Contas, and Sapé, are part of the vernacular Speech Collection of Afro-Brazilian Portuguese. The syncope of proparoxytone is a variable process involving a change in the syllabic structure. With its application, one or more phonemes are erased in a postonic syllable, which transforms words proparoxytone into paroxytones, such as *xícara* > *xícra* (cup), *útero* > *útro* (uterus), *óculos* > *óclus* (glasses), *abóbora* > *abobra* (pumpkin), among others. The main objective of this work is to analyze syncope in the words proparoxytones in Afro-Brazilian rural communities in the state of Bahia, expanding the description of Portuguese at the phonic level of the language. Twelve interviews classified by gender (male and female), education (illiterate and semi-illiterate) and age group (20 to 40 years, 40 to 60 years, and more than 60 years) were selected from the database. In total, forty-eight interviews were analyzed, twelve from each community. Eight hundred and sixteen data were collected from the interviews of the communities studied, which underwent a statistical analysis of the Goldvarb X program, considering some variables already analyzed in other studies. The theories used for this study were the Variacionista Sociolinguistics, proposed by Labov (1966), and the Theory of Metrical Phonology, with the accent metrical analysis, following Hayes' proposal (1995), and the Metrical Theory of the syllable, with emphasis on Selkirk's proposal (1982). This research was based on some studies that analyzed syncope in proparoxytones, such as Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008), Santana (2008), Ramos (2009) and Chaves (2011). After the round in the statistical program, the groups that showed favor the syncope performance in proparoxytones were phonological context following the postonic vowel (liquid lateral and liquid vibrant), trace of the postonic vowel joint (coronal and labial), community (Cinzento), phonological context preceding the postonic vowel (labial), structure of the tonic syllable (heavy syllable) and schooling (illiterate).

Keywords: Phonology. Proparoxytone syncope. Variationist Sociolinguistics.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01- Contexto fonológico seguinte à vogal postônica	82
Tabela 02- Traço de articulação da vogal postônica	84
Tabela 03- Cruzamento entre as variáveis contexto fonológico seguinte à vogal postônica e traço de articulação da vogal postônica	85
Tabela 04- Traço de articulação da vogal postônica	87
Tabela 05- Comunidade	91
Tabela 06- Cruzamento entre as variáveis comunidade e escolaridade	91
Tabela 07- Contexto fonológico precedente à vogal postônica	93
Tabela 08- Contexto fonológico precedente à vogal postônica	94
Tabela 09- Estrutura da sílaba tônica.....	95
Tabela 10- Escolaridade	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 01- Cinzento	61
Quadro 02- Helvécia	62
Quadro 03- Sapé.....	62
Quadro 04- Rio de Contas	62
Quadro 05- Amostra de Cinzento.....	69
Quadro 06- Amostra de Helvécia	69
Quadro 07- Amostra de Rio de Contas	69
Quadro 08- Amostra de Sapé.....	70
Quadro 09- Variáveis independentes	77
Quadro 10- Comparação dos resultados para a variável contexto fonológico seguinte	82
Quadro 11- Comparação dos resultados para a variável traço de articulação da vogal postônica.....	88
Quadro 12- Quantificação das palavras com vogal postônica coronal.....	89
Quadro 13- Comparação dos resultados para a variável contexto fonológico precedente	94
Quadro 14- Comparação dos resultados para a variável estrutura da sílaba tônica ..	96
Quadro 15- Comparação dos resultados para a variável escolaridade.....	97
Quadro 16- Resultado geral da síncope nas proparoxítonas	98

LISTA DE IMAGENS E GRÁFICOS

Imagem 01- Localização das comunidades afro-brasileiras.....	67
Gráfico 01- Resultado da aplicação da síncope nas proparoxítonas	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
1.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	15
1.1.1 Surgimento da Sociolinguística nos estudos linguísticos	15
1.1.2 O método da Sociolinguística Variacionista	17
1.1.3 Importância dos estudos sociolinguísticos	20
1.2 TEORIAS FONOLÓGICAS	22
1.2.1 A sílaba	22
1.2.1.1 As condições universais de silabação	26
1.2.1.2 As condições paramétricas da sílaba no português	28
1.2.2 O estudo sobre o acento	32
1.2.2.1 A proposta de Hayes (1995)	33
1.2.2.2 O acento no português	34
2 O FENÔMENO DA SÍNCOPE NAS PALAVRAS PROPAROXÍTONAS	37
2.1 A SÍNCOPE NAS PROPAROXÍTONAS	37
2.2 AS PROPAROXÍTONAS NO LATIM E NA LÍNGUA PORTUGUESA	39
2.3 A SÍNCOPE NAS PROPAROXÍTONAS E A TEORIA MÉTRICA DA SÍLABA ...	46
2.4 TRABALHOS SOBRE A SÍNCOPE NAS PROPAROXÍTONAS	50
2.4.1 Amaral (1999)	50
2.4.2 Silva (2006)	51
2.4.3 Lima (2008)	53
2.4.4 Santana (2008)	54
2.4.5 Ramos (2009)	55
2.4.6 Chaves (2011)	56
2.4.7 Conclusão	57
3 METODOLOGIA	59
3.1 OBJETIVO GERAL	59
3.1.1 Objetivos específicos	59
3.2 BANCO DE DADOS	59
3.3 AS COMUNIDADES ESTUDADAS	60

3.3.1 Cinzento	63
3.3.2 Helvécia	63
3.3.3 Rio de Contas	65
3.3.4 Sapé	66
3.4 DELIMITAÇÃO DA AMOSTRA	68
3.5 AS VARIÁVEIS ESTUDADAS	70
3.5.1 Variável dependente	70
3.5.2 Variáveis independentes	71
3.5.2.1 Variáveis linguísticas	71
3.5.2.1.1 Contexto fonológico precedente à vogal postônica	71
3.5.2.1.2 Contexto fonológico seguinte à vogal postônica	72
3.5.2.1.3 Traço de articulação da vogal postônica	72
3.5.2.1.4 Estrutura da sílaba tônica.....	73
3.5.2.1.5 Extensão da palavra.....	73
3.5.2.1.6 Frequência lexical.....	74
3.5.2.2 Variáveis extralinguísticas	74
3.5.2.2.1 Comunidade	74
3.5.2.2.2 Sexo	75
3.5.2.2.3 Faixa etária	75
3.5.2.2.4 Escolaridade.....	75
3.5.2.2.5 Estada fora da comunidade.....	76
3.6 HIPÓTESES	78
3.7 O TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS	79
4 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	80
4.1 PRIMEIRA RODADA	81
4.1.1 Contexto fonológico seguinte à vogal postônica	82
4.1.2 Traço de articulação da vogal postônica	84
4.2 SEGUNDA RODADA	87
4.2.1 Traço de articulação da vogal postônica	87
4.2.2 Comunidade	90
4.2.3 Contexto fonológico precedente à vogal postônica	93
4.2.4 Estrutura da sílaba tônica	95
4.2.5 Escolaridade	97

CONSIDERAÇÕES FINAIS99

REFERÊNCIAS103

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca ampliar a compreensão em relação aos contextos favoráveis à síncope nas proparoxítonas, no português afro-brasileiro. A síncope nas proparoxítonas é um processo que envolve uma mudança na estrutura silábica. Com sua aplicação, um ou mais fonemas são apagados em sílaba postônica, o que transforma palavras proparoxítonas em paroxítonas, como *xícara* > *xícra*, *útero* > *útro*, *óculos* > *óclus*, entre outros. A proposta é analisar o processo de síncope nas palavras proparoxítonas na variedade popular do português, nas comunidades rurais afro-brasileiras de Cinzento, Helvécia, Rio de Contas e Sapé, no Estado da Bahia, ampliando a descrição do português afro-brasileiro no nível fônico da língua.

Conforme Lucchesi (2009), as comunidades afro-brasileiras foram formadas por descendentes de africanos que foram escravizados, e, com isso, a população desses lugares carrega traços linguísticos que podem ter sido influenciados por seus ancestrais. Além de um histórico de formação parecido, as comunidades rurais afro-brasileiras apresentam características similares no que diz respeito ao isolamento com relação a outras comunidades urbanas mais desenvolvidas. Cinzento, Helvécia, Rio de Contas e Sapé têm em comum atividades voltadas à agricultura e à pecuária. Também apresentam similaridades no âmbito cultural, como por exemplo, o Reisado, que é uma festa popular; lendas e mitos contados entre os povos, e outros.

A comunidade de Cinzento é localizada no semiárido baiano e pertence ao município de Planalto. Helvécia faz parte do município de Nova Viçosa, no extremo sul da Bahia. Rio de Contas diz respeito às comunidades de Barra e Bananal, na Chapada Diamantina. A comunidade de Sapé fica localizada no sul do Recôncavo Baiano, município de Valença. Os dados analisados dessas comunidades fazem parte do Acervo de Fala Vernácula do Português Afro-Brasileiro, do banco de dados do Projeto *Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*, coordenado pelos professores Dante Lucchesi (UFF) e Gredson dos Santos (UFBA).

A escolha do objeto de estudo, a síncope nas proparoxítonas, e das comunidades analisadas está relacionada ao fato de este processo ser realizado, geralmente, em contextos específicos como na fala popular, rural, espontânea, em pessoas com baixos níveis de escolaridade e com idades avançadas, conforme os resultados dos trabalhos de Lima (2008), Santana (2008) e outros. Diante disso, este

trabalho mostra ser importante para os estudos linguísticos, visto que analisa a síncope nas proparoxítonas em informantes de comunidades rurais, que apresentam pouca escolarização.

Nas comunidades propostas para este estudo não há indícios de muitos trabalhos que descrevam e analisem fonologicamente a língua, partindo de uma análise sociolinguística, pois a elaboração do *corpus*, a priori, foi feita na perspectiva de estudos morfossintáticos. Em vista disso, percebe-se a carência de estudos fonológicos dentro do próprio banco de dados, que revelem e mostrem a diversidade linguística do português falado nas comunidades, contribuindo para uma maior descrição da variação existente no português brasileiro.

Os dados considerados nesta pesquisa foram analisados nas seguintes etapas: levantamento de dados, audição das entrevistas, codificação dos dados, análise estatística no Goldvarb X, levando em consideração algumas variáveis já analisadas em outras pesquisas, e interpretação dos resultados. Este trabalho seguiu a Sociolinguística Variacionista, proposta por Labov (1966), e a Teoria da Fonologia Métrica, com a análise métrica do acento proposta de Hayes (1995), e a Teoria Métrica da Sílabas, com ênfase na proposta de Selkirk (1982).

Os objetivos da pesquisa são:

- i. analisar a síncope nas palavras proparoxítonas nas comunidades rurais afro-brasileiras do estado da Bahia, ampliando a descrição do português no nível fônico da língua;
- ii. averiguar quais são os fatores linguísticos relevantes para a aplicação da regra da síncope da vogal postônica nas palavras proparoxítonas nas comunidades rurais afro-brasileiras;
- iii. identificar quais são os fatores extralinguísticos relevantes para a aplicação da regra da síncope da vogal postônica nas palavras proparoxítonas nas comunidades rurais afro-brasileiras, e;
- iv. comparar os resultados encontrados com outros trabalhos que já analisaram o fenômeno.

Com base nos trabalhos de Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008), Santana (2008), Ramos (2009) e Chaves (2011), as hipóteses estipuladas para este trabalhos foram:

- a) Os contextos fonológicos seguintes¹ líquida lateral e líquida vibrante favorecerão a realização da síncope nas proparoxítonas, conforme os trabalhos de Amaral (1999), Chaves (2011), Lima (2008), Ramos (2009), Santana (2008) e Silva (2006).
- b) Os contextos fonológicos precedentes² velar e labial favorecerão a síncope nas proparoxítonas, conforme os trabalhos de Amaral (1999), Chaves (2011), Lima (2008)³.
- c) Os traços de articulação da vogal labial e dorsal serão os que mais favorecem a síncope nas proparoxítonas, conforme Ramos (2009) e Chaves (2011).
- d) A sílaba pesada terá influência na aplicação do processo de síncope nas proparoxítonas, conforme Silva (2006) e Lima (2008).
- e) A palavra proparoxítona com mais de três sílabas será mais propícia à síncope da vogal postônica, conforme Amaral (1999), Chaves (2011), Lima (2008), Silva (2006) e Ramos (2009).
- f) O sexo masculino utilizará mais a variável não padrão/sincopada, conforme Amaral (1999), Lima (2008) e Silva (2006).
- g) A faixa etária III, ou seja, os mais velhos realizarão mais a síncope nas palavras proparoxítonas do que os mais jovens, conforme o trabalho de Silva (2006).
- h) Quanto menor o grau de escolaridade maior será a produção da síncope nas proparoxítonas, conforme os trabalhos de Lima (2008), Santana (2008) e Silva (2006).
- i) A comunidade de Helvécia será a comunidade na qual haverá mais realização da síncope nas proparoxítonas devido ao fato de ser mais distante da capital do estado, ou seja, é mais isolada de áreas urbanas, visto que a síncope pode estar associada mais ao contexto da fala da zona rural, conforme Lima (2008), Santana (2008) e outros.

¹ Quando se trata de contexto fonológico seguinte diz respeito ao contexto fonológico seguinte à vogal postônica, por exemplo, em currículo, a líquida lateral (l) é o contexto seguinte à vogal postônica.

² Quando se trata de contexto fonológico precedente ou antecedente diz respeito ao contexto fonológico precedente à vogal postônica, por exemplo, em currículo, a oclusiva velar (k) é o contexto precedente à vogal postônica.

³ Em Lima (2008), apenas a velar favorece a síncope nas proparoxítonas.

Com a finalidade de investigar a realização da síncope nas proparoxítonas das comunidades rurais afro-brasileiras, esta dissertação está organizada em quatro capítulos.

O primeiro capítulo aborda os pressupostos teórico-metodológicos utilizados neste trabalho, como a Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista, proposta por Labov na década de 60, e alguns estudos fonológicos para análise da síncope nas proparoxítonas, como a Teoria da sílaba, proposta de Selkirk (1982), e os estudos sobre o acento, Hayes (1995).

No segundo capítulo, *O fenômeno da síncope nas palavras proparoxítonas*, temos uma descrição do fenômeno estudado, um breve panorama sobre o comportamento das proparoxítonas no latim e no português, uma análise envolvendo a teoria métrica da sílaba e a síncope, e a explanação de alguns trabalhos voltados para síncope nas proparoxítonas.

No terceiro capítulo, *Metodologia*, são apresentados a metodologia utilizada, com base na Sociolinguística Variacionista, o *corpus* da pesquisa, as variáveis linguísticas e extralinguísticas, os objetivos e as hipóteses da pesquisa, o programa estatístico usado e uma descrição sobre as comunidades analisadas.

No quarto e último capítulo, temos a análise e a discussão dos resultados, apresentando as variáveis que mais favoreceram o processo de síncope, comparando os resultados com algumas teorias e com os resultados de outros trabalhos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No presente capítulo, serão apresentados os pressupostos teóricos que serviram de base para esta pesquisa. Este capítulo será dividido em duas seções, a primeira fará referência à Sociolinguística Variacionista, e a segunda seção será destinada às teorias fonológicas.

A primeira seção, *A Sociolinguística Variacionista*, abordará um breve panorama sobre o surgimento da Sociolinguística Variacionista, abordando o método sociolinguístico, a importância dos estudos sociolinguísticos, que passa a estudar a língua como heterogênea em seu contexto de uso, sendo passível de variação e de mudança. A segunda seção apresentará as teorias fonológicas métricas, a Teoria da Sílabas, com ênfase na proposta de Selkirk (1982) e estudos sobre o acento seguindo a proposta de Hayes (1995).

1.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Nesta seção, será apresentado um panorama do surgimento da Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista no campo da linguística, seguindo a concepção de língua como fator social e heterogêneo, a partir de uma descrição da língua em relação a seus fatores linguísticos e extralinguísticos, revelando a importância dos estudos sociolinguísticos que mostram ordenação na variação linguística, desmistificando, assim, crenças da variação aleatória.

1.1.1 Surgimento da Sociolinguística nos estudos linguísticos

A partir do século XIX, a Linguística Moderna revela o seu surgimento, em 1916, com a publicação do *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure (considerado como o "pai" da linguística), tomando a língua como um objeto sincrônico em si mesmo e por si mesmo, ou seja, "um sistema que conhece apenas sua ordem própria" (SAUSSURE, [1916] 1977, p. 31). A organização dos estudos linguísticos, a partir de Saussure, ou seja, a linguística com o seu objeto de estudo, a língua, que é um sistema homogêneo, contribuiu para que a ciência da linguagem fosse reconhecida como fazendo parte das ciências humanas.

Saussure considerava que a língua é a parte social da linguagem, e separava a língua da fala, e tinha como objeto de estudo a língua. Apesar de Saussure considerar a língua como instituição social, o estruturalismo revelou considerar que não há influências sociais no sistema linguístico. Noam Chomsky, com o programa Gerativo-Transformacional analisava a *competência linguística* de um falante ideal pertencente a uma comunidade linguística, também sem se interessar pelas influências do social na língua. Diante disso, a Sociolinguística Variacionista se contrapôs ao estruturalismo e aos estudos gerativistas por estes não analisarem a variação linguística como um fenômeno sistematizado.

Weinreich, Labov & Herzog (2006), contrapondo à noção de que a fala não podia ser organizada e sistemática, noção defendida pelos modelos estruturalistas e gerativistas, apresentam uma concepção de língua que desmistifica o fato de que a variação na fala espontânea excluiria a sistematização e a organização.

Em 1964, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), pesquisadores reuniram-se para uma conferência sobre sociolinguística, promovida por William Bright, na qual eram debatidos diversos temas relacionados à linguagem e sociedade. Alguns pesquisadores participaram dessa conferência, como William Labov, Dell Hymes, John Gumperz, John Fisher, Charles Ferguson e outros.

Como resultado da conferência, houve a publicação dos *Proceedings*, organizada por William Bright em 1966, com um texto introdutório publicado depois na coletânea inaugural da nova área, intitulada *As dimensões da sociolinguística* em 1966, também organizada por William Bright.

Diante do surgimento da Sociolinguística, percebe-se que a relação sistemática entre as variações linguísticas e os aspectos sociais é de suma importância para explicação de certos fenômenos, mostrando que a variação não é livre, mas possui regularidades.

Dentro da Sociolinguística, há alguns campos que relacionam a linguagem em perspectivas diversas. Tais campos são: Sociologia da linguagem, Etnografia da comunicação e a Sociolinguística Variacionista.

A *Sociologia da Linguagem* está associada ao nome de Joshua Fishman, e é um ramo das ciências sociais que aborda, em sua criação, sistemas linguísticos como instrumentais em relação às questões sociais amplas e políticas linguísticas.

Essa área trata da interação da linguagem com fatores sociais, por exemplo, decadência de línguas minoritárias, além de outros.

A *Etnografia da Comunicação* descreve e analisa os "eventos de fala", regras que orientam a seleção que o falante faz em função da relação com interlocutor, e outros processos de comunicação. Esta área está associada ao nome de Dell Hymes e está ligada às questões de análise da conversação e Sociolinguística interacional.

A *Sociolinguística Variacionista*, relacionada ao nome de William Labov, aborda o estudo da língua no contexto social, através da língua falada que é heterogênea e sofre variação, um fenômeno comum à língua, estruturado e condicionado por fatores linguísticos e sociais. Diante do caráter variável da linguagem humana, Labov ([1972] 2008) afirma que a variação é um fenômeno regular e sistemático, regido por princípios de organização estrutural emanados das próprias regras do sistema linguístico.

Portanto, foi a partir da década de 1960, com o advento da Sociolinguística, que a língua passou a ter um enfoque heterogêneo e variável, rompendo com a tradição linguística de caráter imanente da língua, mostrando que a variável é ordenada e sistemática, ou seja, uma unidade estrutural, que era considerada invariável, discreta e qualitativa, e passa a ser variável, contínua e quantitativa (LABOV, 1966).

Lucchesi (2015, p. 17) fala que "a heterogeneidade da língua é o que garante a sua funcionalidade em uma comunidade socialmente estratificada e culturalmente diversa". Então, os estudos voltados para esta área, passaram a analisar fenômenos em variação, investigando os condicionamentos linguísticos e sociais a partir do método da Sociolinguística.

1.1.2 O método da Sociolinguística Variacionista

Como mencionado anteriormente, a Sociolinguística Variacionista é a área que estuda a língua em seu uso real, ou seja, nos contextos de fala, de interação entre as pessoas, considerando a influência de fatores linguísticos (estruturais) e extralinguísticos (sociais). Por ser uma instituição social, a língua não pode ser

estudada como uma estrutura autônoma, homogênea, estática, independente do contexto situacional de uso.

A Sociolinguística possui uma metodologia delimitada que proporciona ao pesquisador ferramentas para estabelecer as variáveis relacionadas ao fenômeno estudado, coleta e codificação dos dados, assim como mecanismos computacionais para definir e analisar o fenômeno variável que se quer estudar. Com esse modelo teórico-metodológico, por meio de técnicas estatísticas, passou a trabalhar com a heterogeneidade linguística e, contrário aos modelos teóricos precursores, evidenciou que a variação nas línguas pode ser observada e prevista em determinados contextos.

Labov (2008 [1972]) investiga a língua falada no interior dos grupos em que ela se manifesta. Para o autor, a língua é essencialmente social e deve ser analisada nos ambientes em que é realmente produzida, ou seja, nas *comunidades de fala*. Labov (2008 [1972]) afirma que:

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes nos níveis particulares de uso. (LABOV, 2008 [1972], p. 150)

Labov (2008 [1972]), ao tratar da comunidade de fala como o contexto de análise, revela que as regularidades encontradas passaram a ser descritas a partir da noção da regra variável que surge da observação de que os falantes de uma determinada comunidade utilizam formas alternativas com o mesmo valor de verdade: as variantes linguísticas. São exemplos dessas variantes as produções *corgo (córrego)*, *árvri (árvore)*. E a produção de uma variante em detrimento de outra se dá por influências dos fatores sociais ou estruturais, considerados a partir de grupos de fatores ou variáveis linguísticas e extralinguísticas.

O modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista promove a investigação de mudanças na língua, sendo a variação linguística um estágio anterior à mudança linguística. Conforme Tarallo (1986, p. 63), "a variação não implica mudança; mas mudança, sim, implica sempre variação".

A mudança na língua pode ser estudada no campo da Sociolinguística Variacionista através do *tempo real* e do *tempo aparente*. Quando uma determinada variante passa a não ser mais usada ou sofre algumas alterações, ocorre a mudança linguística, por exemplo, *vosmecê* que passa a *você* ao longo do tempo. Os estudos no tempo real são caracterizados pela observação e análise de um mesmo fenômeno linguístico em dois períodos de tempo distintos. Sobre estudo em tempo real, Labov (1994) aborda que:

uma análise dessa natureza pode provir da comparação de um estudo atual com um estudo prévio, realizado na mesma comunidade de fala ou, então, de uma análise na qual o linguista retorne à comunidade de fala anos depois de realizar a primeira coleta e realize novamente a mesma pesquisa. (LABOV, 1994, p. 72-73)

Já um estudo em tempo aparente é caracterizado pela identificação de indícios de mudanças linguísticas de uma forma sincrônica, analisando diferentes gerações com relação a um mesmo fenômeno linguístico. As diferenças no comportamento linguístico de gerações diferentes de falantes em uma determinada sincronia refletiriam no desenvolvimento da língua. Chambers e Trudgill (1980) demonstram que:

A validade do [tempo aparente] depende crucialmente da hipótese de que a fala das pessoas de 40 anos hoje reflete diretamente a fala das pessoas de 20 anos há 20 anos atrás e pode, portanto, ser comparada com a fala das pessoas de 20 anos de hoje, para uma pesquisa da difusão da mudança linguística. As discrepâncias entre a fala das pessoas de 40 e 20 anos são atribuídas ao progresso da inovação linguística nos vinte anos que separam os dois grupos. (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 165)

As indicações de que uma mudança está se manifestando podem ser observadas por meio do exame da distribuição de uma determinada variável em diferentes faixas etárias (LABOV, 1994, p. 45-46). Pode haver uma mudança em progresso se houver uma relação significativa entre o fenômeno linguístico e transformações de acordo com as faixas etárias.

A mudança passa a ser estudada de uma forma sincrônica nos trabalhos de William Labov, a partir da década de 1960, principalmente na pesquisa feita na ilha de Martha's Vineyard em 1963. O trabalho na ilha, que foi a dissertação de mestrado de Labov (2008 [1972]) intitulado *A motivação social de uma mudança sonora*,

analisou a variação nos ditongos /aw/ e /ay/ do inglês dos nativos da ilha, situada em Massachussets, que recebia uma grande quantidade de turistas. Foram considerados como fatores sociais: grupo étnico, região, faixa etária e a atividade profissional. Já os fatores linguísticos foram *consoante precedente, consoante subsequente, acento, estilo*.

Foi observada na pesquisa que a pronúncia dos ditongos dos nativos da ilha de Martha's Vineyard era centralizada, por exemplo, *light* /lait/ = [əj] e *house* /haus/ = [əw] e os falantes mais velhos mantinham essa centralização como marcação de sua identidade como morador da ilha. Os turistas que visitavam a ilha não pronunciavam os ditongos centralizados, mostrando assim diferenças entre a fala do turista e dos moradores mais antigos da ilha. Os moradores mais jovens, que demonstravam interesse em sair da ilha, revelavam usar a variante inovadora na ilha, a não centralização dos ditongos, trazida pelos turistas, que, por sua vez, era considerada a forma de maior prestígio. Labov mostrou, nesse estudo, que os fatores sociais têm grandes influências na estrutura da língua, provocando-lhe variações e possíveis mudanças.

Com o desenvolvimento da metodologia da Sociolinguística Variacionista, a fala passa a ser estudada e não mais excluída das pesquisas linguísticas por não ser homogênea. Labov (2008 [1972], p. 13) afirma que:

Existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala - a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos. (LABOV, 2008 [1972], p. 13)

Diante dos estudos sociolinguísticos, o "caos" linguístico da variação é desfeito, pois os estudos mostram que a variação é condicionada por certos fatores. A língua é uma estrutura maleável, que apresenta variações em seus níveis. A variação é previsível e determinada por fatores linguísticos e/ou sociais.

1.1.3 Importância dos estudos sociolinguísticos

Pode-se perceber que na sociedade existiu e ainda existe, para alguns, uma crença de valores distintos às variedades linguísticas, ou seja, as variedades

linguísticas que se distanciam da variedade padrão, que é a de maior prestígio social, são estigmatizadas e consideradas como "erro". Porém, a ciência da linguagem, a linguística, revela que tal afirmação não passa de conceitos do senso comum. Camacho (2013, p. 25) reitera que "nenhuma língua ou variedade é inerentemente inferior a outra língua ou a variedade similar".

Camacho (2013) demonstra que, para a linguística, toda língua ou variedade é um sistema estruturado e através deste sistema é possível compartilhar informações referentes à realidade social. Diante disso, percebe-se que mesmo variedades menos prestigiadas socialmente possuem em si certas organizações e ordens.

Lucchesi (2015) afirma que um dos mitos relacionado à língua é a crença da existência de uma unidade linguística, que, se não houver uma rígida uniformização, a unidade da língua se perde; se o caos da variação linguística não for controlado, a comunicação verbal ficará irremediavelmente comprometida (LUCCHESI, 2015, p. 17). Porém, isso é uma crença da qual a Sociolinguística Variacionista revela e desmitifica, pois demonstra que não existe língua homogênea.

Com os avanços das pesquisas linguísticas, principalmente no que tange ao estudo da língua como um fator social, heterogêneo, alguns postulados passaram a ter outro foco em seu objeto. Calvet (2002, p. 1) revela que "as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes". A Sociolinguística Variacionista surge, então, mostrando que a variação (e conseqüentemente a mudança linguística) é uma propriedade constitutiva e intrínseca da linguagem.

Os estudos sociolinguísticos revelam sua importância no campo da linguagem, principalmente por observar a variação linguística e seus condicionamentos sociais, dando espaços para o estudo de informantes de grupos sociais deixados à margem da sociedade (como análise de informantes de periferias, zona rural, e outros). Também por mostrar que a variação não ocorre apenas na língua popular, e sim também em falantes cultos, principalmente em contextos mais informais, mostrando que a linguagem e a sociedade não se separam.

A próxima seção abordará as teorias fonológicas que serviram de base para este trabalho, explicitando propostas de alguns estudiosos da área.

1.2 TEORIAS FONOLÓGICAS

Nesta seção serão apresentados os aportes teóricos relacionados às teorias fonológicas, a Teoria Métrica da Sílabas, com ênfase na proposta de Selkirk (1982) e a análise métrica do acento proposta de Hayes (1995), referentes ao fenômeno analisado neste trabalho, a síncope nas proparoxítonas.

1.2.1 A sílaba

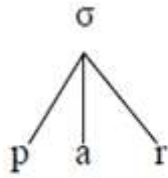
A sílaba revela ser uma parte na palavra em que ocorrem alguns fenômenos fonológicos. A sua definição varia entre propostas e estudos. Existem duas vertentes que analisam a sílaba como objeto de estudo, a teoria autosegmental, que é uma vertente que concebe a sílaba sob uma perspectiva estrutural plana entre os segmentos, e a teoria métrica da sílaba, outra vertente que analisa a sílaba a partir de uma representação não linear seguindo uma hierarquia entre os segmentos que compõem a sílaba.

Essas teorias referentes à sílaba como objeto de estudos fonológicos só surgiram a partir de 1970. Collischonn (2010) afirma que:

A noção de sílaba não é nova em fonologia, entretanto, apenas recentemente ela foi à fonologia gerativa. Nos anos 70, a discussão girava em torno do status fonológico da sílaba. A partir de trabalhos como de Hooper (1976), a sílaba foi gradativamente sendo aceita como unidade fonológica, e rapidamente aumentou o número de pesquisas em torno de sua natureza e do papel por ela desempenhado na fonologia das línguas. (COLLISCHONN, 2010, p. 99)

A ideia de uma estrutura plana da sílaba foi proposta por Kahn (1976) e revela camadas independentes entre os segmentos. Pode-se observar que a teoria autosegmental representa a sílaba a partir da seguinte estrutura:

(1)



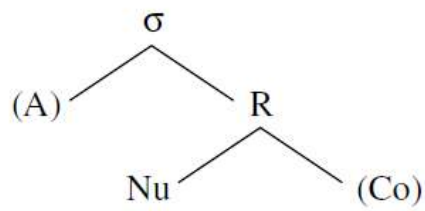
(COLLISCHONN, 2010, p.99)

Já a concepção da teoria métrica da sílaba revela possuir uma estrutura baseada em uma hierarquia de constituintes internos, defendida por Selkirk (1982) com base em outros estudiosos como Pike e Pike (1947), Fudge (1969) e Kiparsky (1979).

Selkirk (1982) propôs o estudo da sílaba na fonologia partindo da fonologia métrica e considerando o inglês como língua base para tal estudo. A autora revela três argumentos que afirmam a importância do desenvolvimento do estudo silábico: i) a sílaba mostra ser a unidade fundamental na descrição das restrições fonotáticas das línguas, ii) a sílaba e sua ligação com aplicação de processos fonológicos e, iii) a essencialidade da sílaba para a compreensão de fenômenos suprasegmentais, como *acento* e *tom* (SELKIRK, 1982, p. 328). Selkirk (1982) propõe então uma nova representação da estrutura da sílaba, esta estrutura é composta por níveis, ou seja, segue uma hierarquia. Os constituintes da sílaba são: *ataque* (ou *onset*) e *rima*, a *rima* é composta por *núcleo* e *coda*.

Conforme a teoria métrica da sílaba, a estrutura interna silábica é dividida em duas partes: ataque ou *onset* (A) e rima (R). A rima é dividida em duas partes: núcleo (Nu) e coda (Co). O núcleo é o único elemento considerado obrigatório na sílaba, e, em português, é composto por uma vogal. A estrutura silábica proposta pela teoria métrica da sílaba é a seguinte:

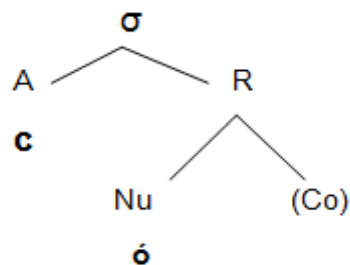
(2)



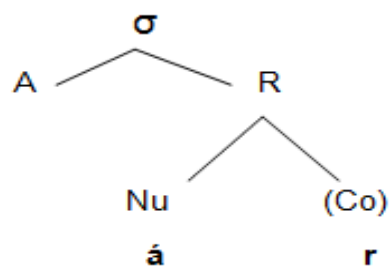
(COLLISCHONN, 2010, p. 100)

Uma sílaba pode ser leve ou pesada, e essa classificação depende da rima. Se a rima possui apenas o núcleo e não tem segmento que preencha a sua coda, esta sílaba será leve, por exemplo, a sílaba tônica *có* da proparoxíttona *córrego*, a qual tem o ataque preenchido e o núcleo, não possuindo segmento na coda. Já a sílaba *ár* da palavra *árvore*, não possui ataque, possui núcleo preenchido e a coda preenchida, sendo assim uma sílaba pesada. Pode-se observar os exemplos das sílabas leves e pesadas a seguir:

(3) Sílaba leve

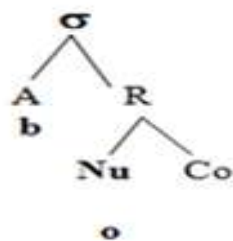


(4) Sílaba pesada

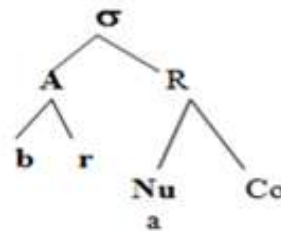


A sílaba *bo-* da palavra *abóbora*, por exemplo, preenche o ataque e o núcleo silábico, deixando a coda vazia. A sílaba *bra-* da palavra sincopada *abóbra* (*abóbora*), apesar de ter mais segmentos, também preenche o ataque e o núcleo, e a coda da sílaba fica vazia. Em 5 temos as representações métricas das sílabas *bo* e *bra*.

(5)

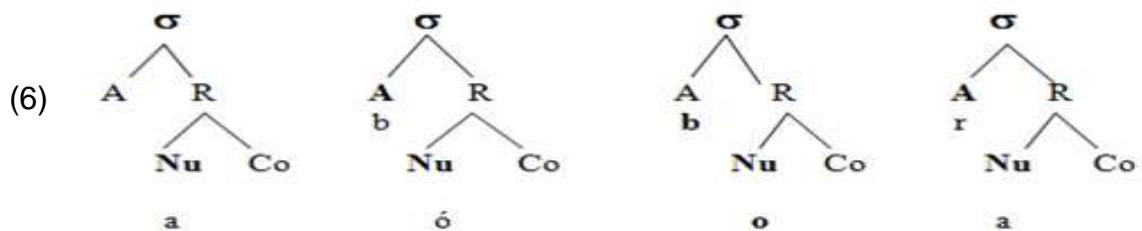


(bo)

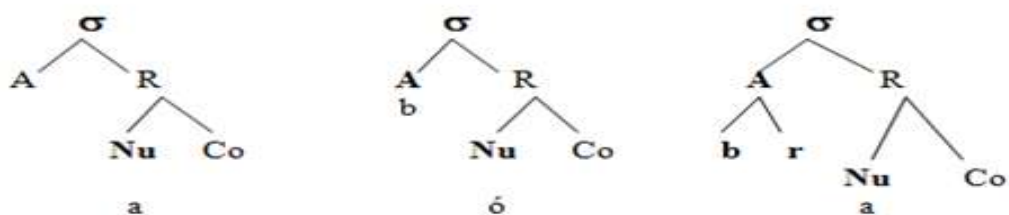


(bra)

Considerando esta teoria, é observado que o processo de síncope nas proparoxítonas, objeto desta pesquisa, faz com que uma sílaba da palavra seja perdida e haja uma reestruturação silábica com os segmentos que permanecem. A sílaba é perdida, pois o segmento apagado é uma vogal; portanto, um segmento que preenchia o núcleo da sílaba. A reestruturação resultante pode ser observada a partir das estruturas abaixo.



(7)



Em (6) a sílaba é formada com a vogal postônica, sem apagamento da mesma. Já em (7) houve uma ressilabação, na qual a vogal postônica foi apagada, e a consoante que ficou flutuante acaba formando um ataque ramificado com a consoante da próxima sílaba. Assim também acontece em outras palavras como *óculos* > *óclos*, *chácara* > *chacra*.

A formação de sílabas não se dá de forma aleatória, mas possui regras. Conforme Collischonn (2010):

A silabação de uma sequência de segmentos é feita por meio de regras de criação de estrutura silábica: regra de formação do núcleo, regra de formação do ataque, regra de formação da coda. Estas regras são ordenadas entre si: primeiramente cria-se o núcleo, depois o ataque, depois a coda. (COLLISCHONN, 2010, p. 108)

O núcleo é o primeiro constituinte a ser formado na sílaba, depois pode haver a formação do ataque (Princípio do Onset Máximo ou de Maximização do Ataque) e posteriormente o preenchimento da coda. Ressaltando que o único elemento obrigatório é o núcleo. A estrutura de formação da sílaba segue algumas condições. Tais condições serão explicitadas com maiores detalhes na próxima subseção.

1.2.1.1 As condições universais de silabação

Uma das condições universais de formação de sílabas é a sequência de sonoridade, que prevê uma escala de sonoridade dentro do domínio da sílaba. Conforme essa sequência os elementos preenchem os espaços adequados à sua sonoridade no interior da sílaba. Baseada no trabalho de Selkirk (1984), Collischonn (2010, p. 109) revela a seguinte condição de sequência de sonoridade:

a) Condição de sequência de sonoridade:

Em qualquer sílaba, o elemento mais sonoro constitui o núcleo e é precedido/seguido por elementos de grau de sonoridade crescente/decrescente.

Essa condição de sequência de sonoridade mostra que o grau de sonoridade cresce do ataque em direção ao núcleo e decresce do núcleo em

direção à coda. Para observar a sonoridade dos segmentos, Collischonn (2010, p. 109) apresenta a seguinte escala:

b) Escala de sonoridade:

Vogal	>	Líquida	>	Nasal	>	Obstruente
3		2		1		0

A escala de sonoridade mostra que o elemento mais sonoro é a vogal, que em português ocupa a posição de núcleo da sílaba, os menos sonoros são líquidas, nasais e obstruintes, as quais ocupam as margens, sendo ataque ou coda. De acordo com a teoria, o fato de a sonoridade ser crescente em direção ao núcleo, explicaria a existência de sequências de segmentos no ataque de uma sílaba, como em *bra*, pois revelam uma sonoridade de 0-2-3, mostrando assim uma sonoridade crescente em relação ao núcleo; explicaria também a impossibilidade de uma sequência como *nta* no ataque, pois revelaria uma sonoridade decrescente em direção ao núcleo, 1-0-3.

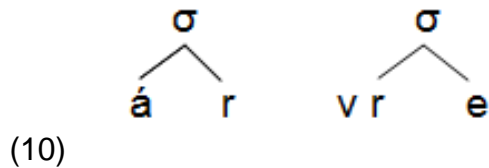
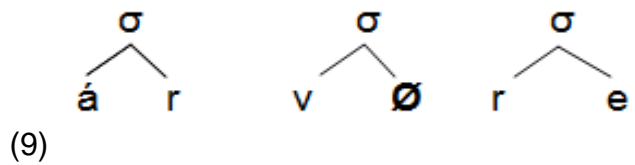
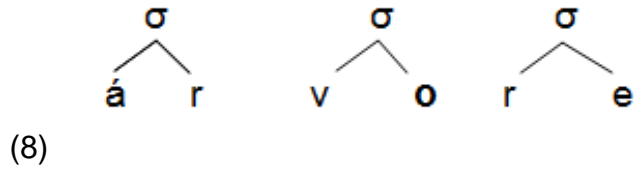
O Princípio de Maximização do Ataque (SELKIRK, 1982) é uma condição universal importante para a formação de sílabas, revelando que os ataques são maximizados na organização da estrutura silábica de acordo com os princípios de composição da sílaba básica da língua, se a língua possui ataque complexo, esse poderá ser formado.

Nessa condição é mostrado que quando há sequências de consoantes entre vogais, primeiro é preenchido o ataque, já a formação da coda se dá no final, se houver consoante desassociada na sílaba, tendo assim, a rima ramificada.

O Princípio do Licenciamento Prosódico (ITÔ, 1986), revela que "toda a sequência fonológica é exaustivamente dividida em sílabas, isto é, qualquer segmento tem de ser associado a uma sílaba" (COLLISCHONN, 2010, p. 111). No entanto, se houver uma consoante desassociada, ela ocupará a posição de coda, e não poderá permanecer flutuante, ou será apagada.

Em uma palavra proparoxítona no português que sofre o processo de síncope, há uma formação de um ataque complexo (por exemplo, na palavra *árvore* que passa a *árvre*) após a queda de um núcleo silábico, e assim há o apagamento de uma sílaba. Com o apagamento dessa sílaba, um segmento fica flutuante e se associa ao ataque da sílaba seguinte, respeitando os princípios de Maximização do

ataque e Licenciamento prosódico. Podemos observar o exemplo no seguinte esquema:



As condições universais, aqui apresentadas, proporcionariam uma boa formação silábica, mas poderiam gerar também estruturas não permitidas em determinada língua, como veremos a seguir. Para excluir esses casos de sílabas malformadas, são necessárias as condições paramétricas, que são os moldes silábicos e os filtros. Veremos na próxima seção algumas condições paramétricas da sílaba no português.

1.2.1.2 As condições paramétricas da sílaba no português

As condições universais podem gerar estruturas não permitidas em uma língua, e isso pode acontecer também no português. Collischonn (2010, p. 110) argumenta que a sequência de sonoridade "permite silabar corretamente palavras como *pasta* e *orla* em português. Permite também a silabação *le.bre* mas não é suficiente para excluir a silabação incorreta *leb.re*", pois *leb.re* segue a ordem de sonoridade crescente em direção ao núcleo.

Para excluir casos não aceitos na língua, existem os moldes silábicos e os filtros que dão conta de resolver certas malformações de sílabas no português. Collischonn (2010, p. 115) apresenta os seguintes padrões silábicos no Português Brasileiro:

(11)

V	<u>é</u>
VC	<u>ar</u>
VCC	<u>instante</u>
CV	<u>cá</u>
CVC	<u>lar</u>
CVCC	<u>monstro</u>
CCV	<u>tri</u>
CCVC	<u>três</u>
CCVCC	<u>transporte</u>
VV	<u>aula</u>
CVV	<u>lei</u>
CCVV	<u>grau</u>
CCVVC	<u>claustro</u>

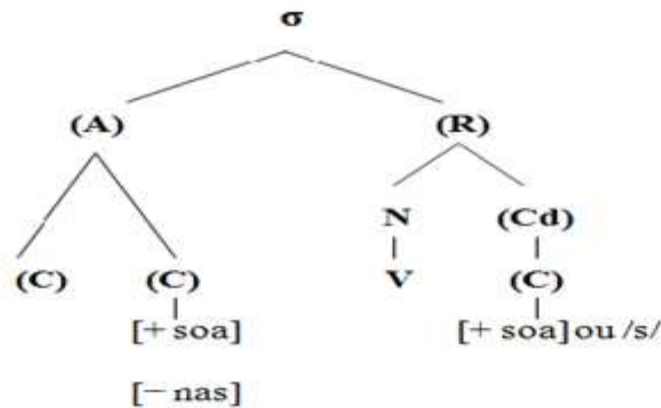
O molde silábico determina o número máximo de segmentos permitidos em uma sílaba, no caso do português, são cinco segmentos. O molde revela também que a sílaba do português pode ser constituída de um único segmento, que é uma vogal (V).

Baseando-se na representação da estrutura silábica da teoria métrica da sílaba, Bisol (2013, p. 23) mostra alguns critérios para a formação da sílaba do português:

- I. A sílaba do português tem estrutura binária, representada pelos constituintes ataque e rima, dos quais apenas a rima é obrigatória.
- II. A rima também tem estrutura binária, núcleo e coda. O núcleo é sempre uma vogal, e a coda é uma soante ou /S/.
- III. O ataque compreende ao máximo dois segmentos, o segundo dos quais é uma soante não nasal.

O Princípio de Composição da Sílaba Básica, no português, por exemplo, pode ser representado pela seguinte estrutura:

(12)



(BISOL, 2013, p. 23)

Tal estrutura revela que há restrições para a primeira posição de coda, a qual somente soantes podem preencher, e a segunda posição de coda preenchida com o /S/. Já a primeira posição do ataque pode ser preenchida por qualquer consoante, quando ele for simples; e, se for complexo, a segunda posição do ataque é preenchida por soantes líquidas com algumas restrições de combinação com as consoantes da primeira posição.

Sobre a formação de ataque complexo no português e os segmentos que podem preencher tal posição, Collischonn (2007, p. 36) afirma que:

Em primeiro lugar, apenas líquidas, isto é, /l/ ou /r/ podem ocupar a segunda posição num ataque complexo. Além disso, a primeira posição pode ser ocupada apenas por oclusivas ou fricativas. Entretanto, das fricativas, apenas a fricativa labiodental pode compor ataque complexo; além disso, das fricativas labiodentais, o /v/ tem distribuição limitada a ataques com /r/ no interior de palavra (nomes como *Wrana* e *Vladimir* têm caráter excepcional).

As combinações possíveis no ataque complexo podem ser observadas a seguir.

(13)

	obstruintes + //	obstruintes + /r/	Exemplos
Labiais	pl, bl, fl, (vl)	pr, br, fr, <u>vr</u>	planta, blusa, flor, prato, braço, fruta
Alveolares	tl, *dl, *sl, *zl	tr, dr, *sr, *zr	atlas, trabalho, drama
Palatais	*ʃl, *ʒl	*ʃr, *ʒr	claro, glorioso,
Velares	kl, gl	kr, gr	cravo, graça

(Conforme SCHIMITT, 1987, apud COLLISCHONN, 2010, p. 107)

Para excluir essas combinações que não são possíveis na língua (as combinações marcadas com asterisco *), na posição de ataque complexo, Collischonn (2010, p. 108) propõe o seguinte filtro.

(14)

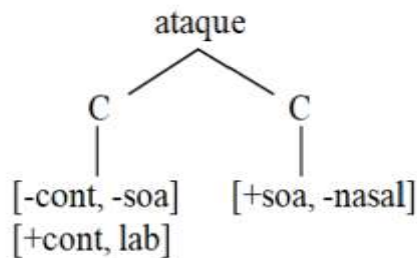
$$* \left[\begin{array}{cc} + \text{cont} & + \text{cont} \\ + \text{cor} & + \text{cor} \end{array} \right]_{\text{ataque}}$$

Segundo Collischonn (2010, p. 108), este filtro daria conta de excluir "os grupos formados de fricativas coronais e líquidas", pois proíbe sequências de segmentos [+contínuo] e [+coronal] no ataque silábico.

Bisol (2013) afirma que o ataque complexo só permite consoante [-contínua] ou [+contínua, labial] ocupando a primeira posição, e uma soante não nasal ocupando a segunda posição. Bisol (2013, p. 34) propõe o seguinte molde silábico como condição positiva do ataque complexo.

(15)

Condição Positiva do Ataque Complexo



O filtro proposto por Collischonn (2010) e o molde silábico proposto por Bisol (2013) dão conta de excluir as sequências impossíveis para o ataque complexo do português, a saber: os grupos /sl, zl, sr, zr, ʒl, ʃl, ʒr, ʃr/, formados por fricativas coronais e líquidas.

1.2.2 O estudo sobre o acento

Na Língua Portuguesa, o acento é encontrado em uma das três últimas sílabas da palavra, formando assim palavras oxítonas (acento na última sílaba), por exemplo, *café*; palavras paroxítonas (acento na penúltima sílaba), por exemplo, *leite*; e proparoxítonas (acento na antepenúltima sílaba), como *córrego*. Este trabalho faz referência às proparoxítonas.

O acento, partindo de uma análise métrica, é estudado como propriedade relacionada à sílaba e não somente às vogais, como era analisado anteriormente por algumas teorias. A partir da Fonologia Métrica, o acento passa a ser visto como um elemento diretamente relacionado à sílaba de acordo com a cadência rítmica de proeminências, que, conforme Liberman e Prince (1977, p. 265), é composta em termos relacionais de posições fortes (*s-strong*) e fracas (*w-weak*).

A teoria gerativa tratava o acento como um traço ([+acento], [-acento]), já a Fonologia Métrica analisa o acento de forma não-linear, seguindo a organização das sílabas nas palavras e partindo de estruturas métricas.

Muitos trabalhos com a perspectiva autosegmental surgiram analisando o acento. Liberman & Prince (1977) apresentaram o modelo baseado na grade métrica, Prince (1983) propôs o modelo da grade perfeita, Halle & Vergnaud (1987)

apresentaram o modelo da grade parentizada, Hayes (1995) revelou a noção de pés métricos. Veremos a seguir a proposta de Hayes (1995).

1.2.2.1 A proposta de Hayes (1995)

Hayes (1995) propõe a existência de constituintes chamados de *pés métricos* seguindo a proposta da Fonologia Métrica, a qual trata que o acento não se relaciona diretamente com a vogal, mas sim que possui uma relação entre as sílabas, formando um contorno de proeminência, ou seja, uma propriedade relacional das sílabas e recebe uma representação em termos de árvores métricas (HAYES, 1995).

Os pés métricos mostram a alternância rítmica na palavra, revelando assim a sílaba mais proeminente no nível da palavra e o seu o acento primário. Conforme Hayes (1995), os pés são classificados em *troqueu silábico*, *troqueu mórico* e *iambo*.

O pé *troqueu silábico* é composto por duas sílabas com proeminência inicial e apresenta constituintes binários com o cabeça à esquerda. Caracteriza assim as línguas que não levam em consideração o peso silábico. Dá ênfase às sílabas não se atendo à sua estrutura interna, considerando assim que o peso das sílabas não tem relevância. A estrutura que representa esse pé é a seguinte:

(16)

$$\begin{array}{c} (* \ .) \\ \sigma \ \sigma \end{array}$$

(COLLISCHONN, 2010, p. 140)

O pé *troqueu mórico* leva em consideração o peso das sílabas, medido por meio de moras, ou seja, a cada duas moras (μ) tem-se constituído um pé, com o segmento mais forte situado à esquerda. Pode ser formado por duas sílabas leves, já que cada uma delas apresenta apenas uma mora, ou, então, de uma sílaba pesada, constituída por duas moras. A estrutura que representa esse pé é a seguinte:

(17)

$$\begin{array}{ccc} (* \cdot) & \text{ou} & (*) \\ \sigma \sigma & & \sigma \end{array}$$

(COLLISCHONN, 2010, p. 140)

O pé *iambo* tem proeminência final e considera o peso silábico, ou seja, o acento cai na sílaba pesada à direita. A estrutura que representa esse pé é a seguinte:

(18)

$$\begin{array}{ccc} (\cdot *) & \text{ou} & (*) \\ \sigma \sigma & & \sigma \end{array}$$

(COLLISCHONN, 2010, p. 140)

1.2.2.2 O acento no português

Como foi mencionado anteriormente, o acento no português pode situar-se em três posições de um vocábulo: na última sílaba formando oxítonas, na penúltima sílaba formando palavras paroxítonas e na antepenúltima sílaba formando assim as proparoxítonas.

Além dessa regularidade de posição do acento, temos outras importantes de serem analisadas, como o fato de a maioria das palavras no português ser paroxítona, ou seja, o acento tende a cair na penúltima sílaba da palavra.

O grupo de proparoxítonas revela ser o menor no português, ou seja, a posição antepenúltima é a menos acentuada no português. Conforme Collischonn (2010),

este grupo é constituído principalmente por empréstimos do latim e do grego, os quais entraram na língua portuguesa a partir da Renascença, com o ressurgimento do interesse, por parte de

escritores, artistas e estudiosos em geral, no período clássico.
(COLLISCHONN, 2010, p.140)

Alguns estudiosos usam como exemplos dessa origem latina ou grega, não sendo própria do português, o fato de as proparoxítonas tenderem a se tornar paroxítonas com o processo de síncope, que é a queda da vogal postônica na palavra proparoxítona. Por exemplo: *abóbora* que passa a *abobra* com a realização do fenômeno, *xícara* passa a *xicra*, e outros. Considerando assim, o acento proparoxítono como marcado, pois é o menos usado em relação ao acento oxítono e paroxítono. Já o paroxítono seria o não marcado, o mais frequente na língua, sendo também o resultado do processo da síncope.

Bisol (1994) trata como extramétrica a última sílaba dos vocábulos proparoxítonos. Segundo Bisol (1994, p. 28), a regra do acento primário “começa a operar a partir da segunda sílaba do item lexical, encontrando contexto para a formação de um pé binário subjacente”.

Seguem a seguir, exemplos que ilustram a proposta de Bisol (1994) sobre o acento proparoxítono.

(19)

Ex (síl)	Ex (síl)	Ex (síl)	
/fOsfor+o/	/arvor+e/	/numer+o/	léxico
fOs fo ro	ar vo re	nu me ro	silabação
< >	< >	< >	Ex (síl)
(* .)	(* .)	(* .)	FCP (Iii)
(* . .)	(* . .)	(* . .)	ASP
[fOsfor+ u)	[árvori]	[número]	saída

(BISOL, 1994, p. 28)

De acordo com os exemplos explicitados, a palavra é constituída por sílabas primeiramente, e depois recebe o acento. Em seguida, há a utilização da ferramenta extramétrica para que a última sílaba das proparoxítonas torne-se invisível à regra do acento, considerando neste caso, o pé troqueu silábico. O acento é aplicado às

palavras e, em seguida, a sílaba que estava oculta, por causa da utilização do recurso da extrametricidade, é reincorporada à palavra pela Regra de Adjunção da Sílaba Extramétrica (ASE).

O processo de síncope nas proparoxítonas envolve uma mudança no acento das palavras, pois palavras proparoxítonas, que possuem o antipenúltimo acento, passam a ser paroxítonas, ou seja, com o acento na penúltima sílaba, como *córrego* > *corgo*, *xícara* > *xicra*, e *outros*, havendo uma reestruturação silábica e, conseqüentemente, alteração na posição da sílaba acentuada.

Com o processo de síncope em *xícara*, por exemplo, que passa a *xicra*, não precisamos mais considerar uma sílaba extramétrica, permanecendo apenas a formação do pé bissilábico na borda direita da palavra. Como podemos observar nos esquemas abaixo. Em a) temos a formação do pé com o recurso da extrametricidade e em b) há a formação do pé sem uma sílaba extramétrica.

a) *xícara*
xí ca ra
 < >
 (* .)

b) *xicra*
xi cra
 (* .)

Na proparoxítora *xícara*, temos o acento sendo atribuído por um pé troqueado silábico formado, a partir da fronteira da sílaba final invisível, pelas duas próximas sílabas, a antepenúltima, que carrega o acento, e a penúltima. Após a atribuição do acento, a sílaba extramétrica já pode ser recuperada e reincorporada à palavra.

2 O FENÔMENO DA SÍNCOPE NAS PALAVRAS PROPÁROXÍTONAS

Este capítulo apresentará o objeto de estudo desta pesquisa, a síncope nas propároxítonas, que é um fenômeno de redução de palavras propároxítonas que se tornam paroxítonas diante do apagamento de um núcleo silábico. Além disso, serão abordados alguns trabalhos variacionistas realizados sobre o fenômeno e um breve panorama sobre as propároxítonas no latim e na língua portuguesa.

2.1 A SÍNCOPE NAS PROPÁROXÍTONAS

O objeto proposto para esta pesquisa é um fenômeno fonético-fonológico: a síncope nas propároxítonas, que quando realizado implica a perda da vogal postônica, tornando palavras propároxítonas em paroxítonas, como nos exemplos a seguir:

- a) *xícara* > *xícra*
- b) *título* > *titlo*
- c) *útero* > *útro*
- d) *chácara* > *chácra*

A síncope é considerada, por alguns estudiosos, como um processo chamado *metaplasmo*, que ocorria no latim. Conforme Coutinho (1962), as palavras podem sofrer mutações fonéticas chamadas de metaplasmos, que podem ser:

- i) metaplasmo por permuta, que implica uma substituição ou troca de um segmento por outro, por exemplo, o fenômeno do rotacismo em palavras como *pranta* (planta), *probrema* (problema), e outras; ii) metaplasmo por aumento ou adição, que consiste em uma inserção de segmentos em uma palavra, por exemplo, o fenômeno da epêntese em palavras como *pineu* (pneu), *adevogado* (advogado), e outras;
- iii) metaplasmo por subtração, que implica o apagamento ou diminuição de um segmento em uma palavra, por exemplo, o processo de síncope nas palavras propároxítonas – objeto deste estudo – como *speculum* (latim clássico) que passa a *speclum* (latim vulgar), *abóbora* que passa a *abobra* (português), e outras;

iv) metaplasmo por transposição, que consiste no deslocamento de fonemas dentro de uma palavra, como o fenômeno de metátese em palavras como *pro* (por), *enterter* (entreter), *semper* (sempre) e outras.

Os metaplasmos são analisados em alguns trabalhos relacionando a passagem do latim ao português, ou seja, as transformações fonético-fonológicas que ocorreram na formação da língua portuguesa advinda do latim.

Dubois (1978) afirma que:

Na evolução das línguas, a síncope é um fenômeno muito freqüente de desaparecimento de um ou mais fonemas no interior de uma palavra. As vogais e sílabas átonas estão particularmente sujeitas a isso. Por exemplo: a passagem do latim *calidus*, *verecundiam*, respectivamente ao port. *caldo* e *vergonha* deve-se a um fenômeno de síncope. (DUBOIS, 1978, p. 551-552)

De acordo com Faria (1955, p. 167), o processo de síncope já se manifestava no latim proto-histórico (*opificina* > *officina*; *columen* > *culmen*), atuando sobre palavras “de quatro ou mais sílabas, cuja segunda sílaba fosse aberta e contivesse uma vogal breve”.

No português brasileiro encontramos a síncope nas proparoxítonas, principalmente, na língua falada em situações espontâneas não monitoradas. Pode-se observar esse processo em palavras do português como *corgo*, que equivale a *córrego*, *plásco*, a *plástico*, *espirto*, a *espírito*.

Em *A Língua do Nordeste* (1945), em que é abordado o português falado em Alagoas e Pernambuco, Marroquim (1996, p. 73) destaca que a síncope é um fenômeno comum devido à “dificuldade de pronunciar o proparoxítono”. O autor exemplifica com as palavras: *porva*, *prinspe* e *poliça* (pólvora, príncipe e polícia, respectivamente). Amadeu Amaral (1920), em *O Dialeto Caipira*, cita vocábulos como *corgo* e *estamo* correspondendo a *córrego* e *estômago*.

A síncope nas proparoxítonas, geralmente, é associada a análises e estudos diacrônicos, mas neste trabalho, assim como em outros na perspectiva da Teoria da Variação ou Sociolinguística, o fenômeno será analisado de forma sincrônica, pois a intenção é observar a variação existente nas palavras proparoxítonas das comunidades que são foco da pesquisa.

Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008), Santana (2208), Ramos (2009) e Chaves (2011) mostraram em seus trabalhos que a síncope nas proparoxítonas no português brasileiro atual trata-se de uma regra variável que possui influência de fatores linguísticos (internos à língua) e fatores extralinguísticos (externos à língua, ou seja, sociais).

Como o processo de estudo neste trabalho se refere ao fenômeno (síncope) nas palavras proparoxítonas, estas serão analisadas a seguir em uma breve explanação no latim e no português. Como a língua portuguesa é uma língua românica, derivada, assim como outras línguas, do latim, na seguinte subseção há uma descrição sobre o comportamento das palavras proparoxítonas tanto no latim, quanto no português. Vale ressaltar que, apesar da descrição das proparoxítonas no latim, este trabalho não se trata de estudo diacrônico ou similar, mas sim de um trabalho sincrônico, seguindo o método da Sociolinguística Variacionista.

2.2 AS PROPAROXÍTONAS NO LATIM E NA LÍNGUA PORTUGUESA

Com relação à tonicidade da sílaba, há na língua portuguesa três classificações: palavras oxítonas, que possuem a última sílaba tônica, por exemplo, *café*; palavras paroxítonas, que têm como a sílaba tônica a penúltima, por exemplo, *leite*; e palavras proparoxítonas, que apresentam a antepenúltima sílaba tônica, por exemplo, *música*. Este trabalho faz referência à terceira classificação, as proparoxítonas, que, diante de alguns contextos sociais e linguísticos, podem sofrer um processo de queda da vogal postônica, o processo chamado de *síncope*, transformando uma palavra proparoxítona, como *música*, em paroxítona, como *musca*.

A existência de palavras proparoxítonas é observada desde o latim clássico, variedade esta que revela priorizar a escrita, o vocabulário e a gramática, ou seja, o latim clássico estava ligado à literatura e aos nobres, a população mais letrada. Ilari (2007, p. 58), afirma que "o latim clássico é apenas uma variedade do latim, ligada à criação de uma literatura aristocrática e artificial, que teve seu apogeu no final da República e no início do Império".

No âmbito fonológico, observava-se que o latim clássico era sensível ao peso silábico e a acentuação dependia da estrutura silábica, ou seja, se as sílabas

eram sílabas leves (CV), sem a coda preenchida, ou sílabas pesadas, com a coda preenchida (CVV, CVC, VV). Segundo Magalhães (2004), "as características do acento do latim clássico revelam que a sensibilidade ao peso está, na verdade, alojada na penúltima sílaba. Esta não sendo pesada, o acento incide na próxima mais à esquerda independentemente de sua constituição interna" (MAGALHÃES, 2004, p. 187).

Observa-se que, no latim clássico, as palavras com três sílabas são acentuadas na penúltima sílaba se esta for uma sílaba pesada, caso contrário, o acento incide na antepenúltima sílaba. Os monossílabos recebem acento se a sílaba for pesada. Diante disso, percebe-se que no latim clássico não havia palavras acentuadas na última sílaba, ou seja, não havia oxítonas.

Quednau (2004, p. 124) mostra os seguintes exemplos dos tipos acentuais do latim clássico:

- Palavras com três sílabas ou mais:
 - a) com a penúltima sílaba longa: *fidélis, fortitúdo, religiósus, magístra, turbulénta*;
 - b) com a penúltima sílaba breve: *fácilis, fémina, amicítia, víola, impérium*;
- Palavras com duas sílabas: *sílva, úmbra, rósa, hómo, líber*;
- Palavras monossílabas: *spé, sús, sól, vír, cór*.

O Appendix Probi (Apêndice de Probo), citado por Coutinho (1976), é um documento que mostra a síncope em proparoxítonas e evidencia a existência das palavras proparoxítonas no latim clássico e a sua ausência no latim vulgar, que é uma variedade do latim associada à língua falada, com inovações linguísticas, em decorrência do apagamento da vogal postônica. Coutinho (1976) apresenta alguns exemplos do Appendix Probi:

(20)

Latim Clássico		Latim Vulgar
1- speculum	non	speclum
2- columna	non	colomna
3- catulus	non	[non cat] ellus
4- vinea	non	vinia
5- oculus	non	oclus
6- ansa	non	asa
7- amygdala	non	amiddula
8- nurus	non	nura
9- rivus	non	rius
10- grundio	non	grunnio
11- vobiscum	non	voscum
12- passer	non	passar
13- pectin	non	pectinis
14- exter	non	extraneus
15- pusillus	non	pisinnus
16- vapulo	non	baplo
17- calcostegis	non	calcostes
18- coquens	non	cocens
19- calida	non	calda
20- alveus	non	albeus
21- facies	non	facis
22- auris	non	oricla
23- persica	non	pessica
24- socrus	non	socra
25- sililus	non	sifilus
26- numquam	non	nomqua
27- februarius	non	febrarius
28- vetulus	non	veclus
29- calatus	non	galatus
30- puells	non	poela
31- frustrum	non	frustum

(COUTINHO, 1976, p. 38)

Pode-se observar, diante da exemplificação do Appendix Probi, que proparoxítonas como *speculum*, *calida*, *oculus*, e outras sofreram o processo de síncope, perdendo assim a vogal postônica, tornando-se palavras paroxítonas, como é mostrado na representação a seguir:

(21)

speculum > *specØlum* = *speclum*

calida > *calØda* = *calda*

oculus > *ocØlus* = *oclus*

Diante da realização do processo de síncope, revelado nos exemplos anteriores, pode-se constatar que no latim vulgar não há proparoxítonas. Os contextos propícios para o apagamento da vogal postônica, conforme Williams (1991, p. 18), eram: "a) seguidas de r ou l; b) quando precedidas de l ou r e seguidas de d, m ou p; c) quando precedida de s e seguida de t; d) quando precedida de uma labial; e) numas poucas palavras inclassificáveis [...]"

A qualidade da vogal, tônica ou átona, no latim vulgar, tinha uma relação com algumas realizações de fenômenos linguísticos, de simplificações ou preservação nas palavras. Nunes (1969) revela que:

Em consequência de sobre elas incidir o acento predominante ou tônico, as vogais que por este facto tem tal nome conservam-se invariavelmente, como vimos, enquanto as restantes da palavra estão sujeitas a vários acidentes que vão desde o seu enfraquecimento até a sua elisão [...] As vogais átonas partilham da sorte das sílabas com o mesmo nome; como estas, alteram-se por vezes até desaparecerem, mas, quando persistem, tomam um som fraco e por vezes tão sumido que mal se faz sentir. (NUNES, 1969, p. 55)

Conforme Nunes (1969), as vogais tônicas, no latim vulgar, eram mantidas nas palavras sem variações, diferentemente das vogais átonas, pretônicas ou postônicas, que mostravam-se predispostas a variações ou ao apagamento. Ilari (2007) também revelou que as átonas são mais suscetíveis à queda, e Coutinho

(1976) declarou que as vogais pretônicas são mais resistentes ao apagamento do que as vogais postônicas. Essa afirmação corrobora com a realização da síncope nas proparoxítonas, pois a vogal elidida é uma vogal átona posterior à tônica, como já foi mencionada nos exemplos anteriores.

Segundo Coutinho (1976, p. 107), a queda da vogal postônica não-final era mais observada quando a vogal fosse:

a) precedida por uma consoante qualquer e seguida por uma consoante lateral ou vibrante (*másculus* > *másclus*; *áltera* > *áltra*; *sácerus*, *sócrus*); b) precedida por uma consoante labial e seguida por uma consoante de outra espécie (*dóminos* > *dómnus*; *lámina* > *lámna*); c) precedida por uma consoante líquida vibrante ou lateral e seguida por outra consoante qualquer (*áridus* > *árdus*; *víridis* > *viridis*; *cálidus* > *cáldus*; *sólidus* > *sóldus*); d) precedida por /s/ e seguida por outra consoante (*pósitus* > *póstus*). (COUTINHO, 1976, p. 107)

Observa-se, então, que é no latim vulgar que há os primeiros indícios da realização da síncope nas palavras proparoxítonas. E como a língua portuguesa é oriunda do latim, alguns estudiosos reforçam a existência da relação da síncope no português como uma herança do latim.

O português arcaico (final do século XII) herdou o sistema vocálico do latim vulgar – as sete vogais /a/, /ɛ/, /e/, /i/, /ɔ/, /o/ e /u/ – e mostrou também não ter muitas palavras proparoxítonas, apenas algumas raras de outras origens, trazendo em si essa característica do latim vulgar.

Segundo Quednau (2002), a síncope em proparoxítonas é um fenômeno notado desde o latim clássico e que foi intensificado na passagem para o latim vulgar. Com isso, a síncope de proparoxítonas é um fenômeno herdado do latim e perceptível em outras línguas como o grego clássico e o italiano. E essa herança do latim seria responsável pela não ocorrência de vocábulos de acento antepenúltimo no português arcaico. A autora afirma que apenas na segunda fase do português arcaico, a da prosa histórica, com a latinização da cultura, é que as proparoxítonas voltam a ser incorporadas ao léxico.

Algumas raras palavras proparoxítonas encontradas em textos mostram ser de origem grega, mas na fala, na produção oral, estas tornam-se paroxítonas. Alguns autores consideram que estas não existiam no português arcaico, outros que existiam algumas, principalmente devido a algumas restrições fonotáticas com a queda da vogal postônica.

Sobre a conservação de algumas proparoxítonas, Quednau (2002) afirma que,

[...] nas poucas palavras proparoxítonas encontradas nas prosas arcaicas como *hospedádego*, *eirádega*, *montádega*, a vogal postônica se conservou ao contrário da tendência da língua, provavelmente devido à combinação indesejável que resultaria *d* e *g* no caso da queda da vogal. (QUEDNAU, 2002, p. 91)

Algumas palavras proparoxítonas foram conservadas devido à queda da postônica implicar em formações silábicas não aceitas no sistema linguístico português, por exemplo, a palavra *hospedádego* (*hos-pe-dá-de-go*), em que, se a postônica fosse apagada, a palavra ficaria **hospedádgo* (**hos-pe-dá-dgo*), formando assim um encontro de consoantes não aceitável na condição de ataque silábico no português, pois violaria as regras de formação de silabação da língua.

Conforme Quednau (2002), o português arcaico revela não ser uma língua sensível ao peso silábico da penúltima sílaba. Nesse caso a última sílaba de uma palavra é acentuada se esta sílaba for pesada, por exemplo, *perdon* (*per-don*), revelando a existência de oxítonas, diferentemente do latim clássico e latim vulgar. Já a antepenúltima sílaba não é acentuada, semelhante ao latim vulgar. E a penúltima sílaba recebe acento se a última sílaba for leve, por exemplo, *pecado* (*pe-ca-do*).

No português brasileiro atual, encontramos palavras proparoxítonas e estas são as que formam o menor grupo dentro da língua portuguesa brasileira. Conforme Amaral (1999), no Dicionário Aurélio são registradas 8.520 proparoxítonas de um total de aproximadamente 120.000 verbetes, razão pela qual são consideradas pelos estudiosos formais marcadas no léxico, ou seja, exceções diante das outras palavras.

Sobre as proparoxítonas, Collischonn (2010) afirma que:

O grupo das proparoxítonas é o menor em português. Este grupo é constituído principalmente por empréstimos do latim e do grego, os quais entraram na língua portuguesa a partir da Renascença, com o ressurgimento do interesse, por parte dos escritores, por artistas e estudiosos e em geral, pelo período clássico. (COLLISCHONN, 2010, p. 143)

Diante da explicitação, observa-se que, devido ao fato de ser o grupo menor de palavras na língua, as proparoxítonas podem ser consideradas como casos especiais na língua portuguesa, e o acento antepenúltimo como marcado.

As proparoxítonas mostram ser a categoria de palavras de maior abrangência no português. A existência de fenômenos de redução das proparoxítonas a paroxítonas, como a síncope e outros, parece ser um indicativo de seguimento a esse padrão de acentuação na penúltima sílaba no português. Câmara Jr. (1977), Leite (1974), Bisol (1994), Mateus (1996), Cagliari (1999), Sândalo (1999), Lee (1995; 2004), Amaral (2002) e outros autores indicam que o acento na penúltima sílaba é o padrão, enquanto acentos na última e antepenúltima sílabas são desvios na língua. Lee (2004), por exemplo, revela que o processo de síncope que acontece no interior das proparoxítonas poderia sugerir que estas são comumente rejeitadas no português, pois, com a realização do processo, as palavras deixam de ter a antepenúltima sílaba acentuada.

Nunes (1969) mostra que, no período Renascentista, os vocábulos proparoxítonos passaram a ser considerados ferramentas de um vocabulário refinado e poético e a sua reincorporação no léxico do português se deu através da tentativa de recuperar a cultura clássica. Já Araújo et al. (2008) apresentam um trabalho que fornece indícios de que os proparoxítonos não foram acrescentados à língua portuguesa apenas no século XVI. Nesse trabalho há uma investigação de documentos históricos com o levantamento de datas referentes à entrada dos itens lexicais no português, mostrando o reaparecimento, ao longo do tempo, de palavras proparoxítonas, quando estas passaram a recompor o vocabulário português.

Araújo et al. (2008), analisam que tanto os proparoxítonos quanto os vocábulos de outras classes acentuais, oxítonos e paroxítonos, foram introduzidos ao léxico português durante os séculos XII, XVI e XIX, e não apenas no século XVI. Os autores afirmam que:

A data média da primeira documentação na língua das palavras proparoxítonas no Dicionário Houaiss é o ano de 1843, com uma dispersão (desvio-padrão) de 147 anos, enquanto as não proparoxítonas têm como data média o ano de 1737 com uma dispersão de 218 anos. Assim, embora a primeira previsão seja numericamente correta [...] tanto as proparoxítonas como as não-proparoxítonas entram na língua de forma regular em todos os séculos. Pode-se, inclusive, afirmar que há uma tendência para picos nos séculos XIII, XVI e XIX, tanto para as proparoxítonas quanto para

as não proparoxítonas. O primeiro pico está associado ao próprio surgimento do português como língua independente. O último pode estar ligado, entre outras coisas, às revoluções técnico-científicas, à explosão demográfica na Europa e na América e à consolidação da escolarização universal que promoveu um letramento em massa, resultando em um número maior de obras literárias e não-literárias impressas. A correlação entre Renascença e proparoxítonas não é estatisticamente evidente. (ARAÚJO et al., 2008, p. 82)

Diante disso, percebe-se que Araújo et al. (2008) não defendem que as proparoxítonas tenham entrado no português apenas de forma erudita, no âmbito da literatura e cultura clássica renascentista. Os autores mostram que, assim como as oxítonas e paroxítonas, as proparoxítonas também fazem parte do sistema lexical português, e sua redução com o acontecimento de alguns fenômenos está relacionado a regras e restrições do sistema linguístico.

Além do processo de apagamento da postônica, outros processos acontecem nas palavras proparoxítonas, principalmente nas vogais átonas posteriores à tônica, levando à ratificação de alguns trabalhos que revelam que vogais átonas têm uma tendência a sofrerem processos fonético-fonológicos. Câmara Jr. (1977, p. 33) destaca que “o que essencialmente caracteriza as posições átonas é a redução do número de fonemas”.

Chaves (2011), assim como outros autores, revela que as vogais portuguesas postônicas (átonas) mostram ser mais fracas do que as vogais acentuadas (tônicas) e suscetíveis à incidência de diversos fenômenos: “além da elevação das vogais postônicas não-finais (*época* – *épuca*) e finais (*árvore* – *arvori*), a queda da vogal postônica não-final (*abób[ô]ra* – *abóbra*) e a queda da vogal postônica final (*númer[o]* – *númer*) também representam alguns desses processos” (CHAVES, 2011, p. 10).

Será observada, a seguir, uma análise do fenômeno aqui explicitado com a teoria fonológica usada como fundamentação teórica desta pesquisa, a teoria da sílaba.

2.3 A SÍNCOPE NAS PROPAROXÍTONAS E A TEORIA MÉTRICA DA SÍLABA

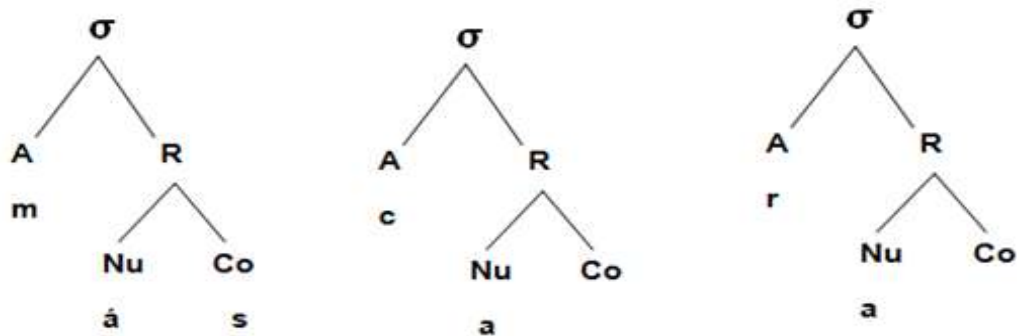
A síncope nas proparoxítonas é um fenômeno linguístico fonético-fonológico que quando realizado sofre uma mudança na estrutura silábica, onde um ou mais

fonemas são apagados em sílaba postônica, o que transforma palavras proparoxítonas em paroxítonas, como já explicado e exemplificado anteriormente.

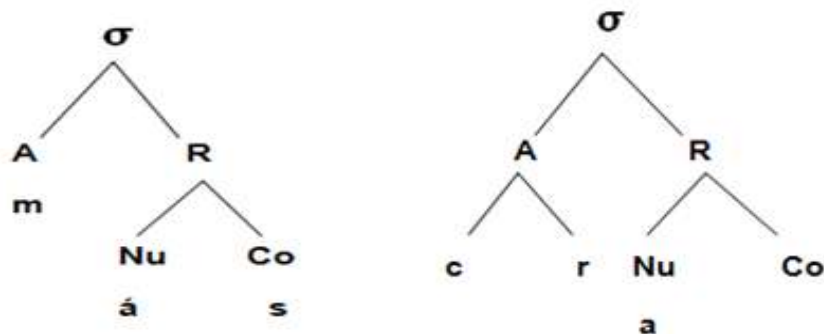
Como já foi mencionado, a aplicação do processo de síncope nas proparoxítonas resulta em uma ressilabação/reestruturação da sílaba postônica da palavra envolvida. Conforme a teoria métrica da sílaba, a estrutura interna silábica é dividida em duas partes: ataque (ou *onset*) e rima. A rima também é dividida em duas partes: núcleo e coda. O núcleo é o único elemento considerado obrigatório na sílaba e, em Português, é composto por uma vogal.

A reestruturação silábica acontece porque a vogal elidida no processo de síncope é um núcleo de uma sílaba, sendo assim, a sílaba é apagada e o segmento que ficou flutuante se junta com a sílaba seguinte, formando um ataque complexo, respeitando as restrições da língua. Esse processo pode ser observado em:

(22) **máscara = más-ca-ra > más-cØ-ra > más-cra = máscra**



(23)



No exemplo acima, em (22) observa-se que a segunda sílaba (*ca*), posterior à sílaba tônica da palavra, sofre a perda do seu núcleo (vogal), diante disso, a consoante que ficou flutuante, sozinha (*c*), é agregada à sílaba seguinte, formando um novo ataque (*cr*), como revelado em (23). Com isso, a palavra proparoxítona *máscara* sofre a síncope da postônica passando assim à paroxítona *máscra*.

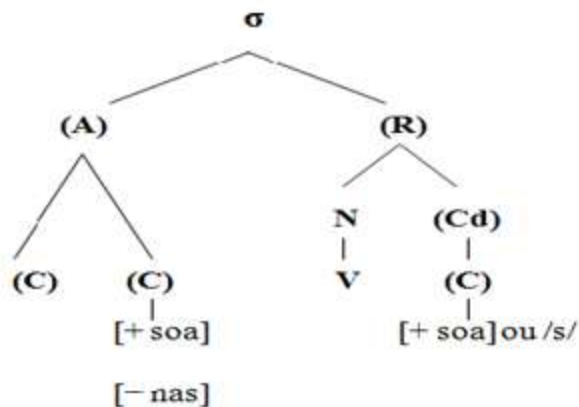
Essa reestruturação silábica é permitida quando segue as condições universais de silabação. Por exemplo, respeitando a escala de sonoridade apresentada por Collischonn (2010, p. 109):

(24)

Vogal	>	Líquida	>	Nasal	>	Obstruente
3		2		1		0

Em *máscra*, palavra sincopada da proparoxítona *máscara*, a ressilabação acontece porque o ataque formado na segunda sílaba (*cra*) respeita a escala de sonoridade da língua, possuindo assim uma obstruente (*c*) que tem valor 0, em seguida uma líquida (*r*) que tem valor 2 na escala da sonoridade, e depois uma vogal (*a*) que tem valor 3, seguindo assim uma ordem crescente (0-2-3) em direção ao núcleo da sílaba. Além disso, a palavra sincopada *máscra* obedece a condição de ocorrência de alguns tipos de consoantes na posição do ataque, seguindo a estrutura seguinte:

(25)



(BISOL, 2013, p. 23)

Em *máscra* pode ser observado que, na sílaba que foi reestruturada "cra", temos a combinação de segmentos conforme o esquema acima, pois no ataque temos a combinação de duas consoantes, sendo que a segunda é uma soante "r", ou seja, obedece a formação de um ataque complexo (ataque ramificado com mais de um segmento), e uma vogal "a" que é o núcleo silábico, obedecendo assim as regras do sistema linguístico do Português na formação silábica. Araújo et al. (2008, p. 79) consideraram as 18.413 palavras proparoxítonas presentes no Dicionário Houaiss e indicaram que cerca de 60% dos proparoxítonos não geram encontros consonantais válidos após a incidência de síncope (*rápido* – **rápdo*). Isso pode ser observado em:

Do total de 18.413 palavras com acento antepenúltimo no *corpus*, cerca de dois terços das palavras proparoxítonas não formam *clusters* válidos quando é feito o apagamento mecânico da vogal da sílaba pós-tônica, como em *rápido* > **ráp.do*, *calotípico* > **calotíp.co*, *haféfobo* > **haféf.bo*. O apagamento da vogal da sílaba postônica gera sílabas com codas válidas em 4.287 casos ou 23,2% do total, como em *física* > *fís.ca*, *anisúrico* > *anisúr.co*, *gênese* > *gên.se*. Em 439 casos, ou 2,4% do total, a sílaba postônica não-final é formada somente por uma vogal. Por fim, são geradas palavras cuja sílaba postônica possui um *onset* válido, como em *abóbora* > *abó.bra*, *próspero* > *prós.pro*, *útero* > *ú.tro* em 2.158 (11,7%) dos casos, resultando em sílabas inválidas em 62,7% das palavras. (ARAÚJO et al., 2008, p. 16)

De acordo com esse trabalho, o apagamento da vogal postônica não-final resulta em sílabas aceitas no Português em apenas 34,9% dos dados em estudo. Isso mostra que o processo de síncope acontece em algumas palavras porque o sistema linguístico permite, ou seja, segue regras de formação silábica, já em outras não acontece o fenômeno de síncope devido a essas restrições da língua relacionadas à boa formação silábica, como, por exemplo, *calotípico* > **calotíp.co*, não tem como haver uma reestruturação silábica, pois o segmento que fica flutuante, após o apagamento vocálico, não pode ser associado ao ataque da sílaba seguinte, pois ficaria "pco", não obedecendo a condição da escala de sonoridade, e não se associaria à rima, pois o segmento não é classificado como soante ou nasal, por esse motivo não pode ocupar essa posição em português.

Além da teoria apresentada, a síncope nas proparoxítonas se relaciona com estudos sobre o acento, pois com a sua realização há uma mudança na acentuação da palavra, que deixa ser acentuada na antepenúltima sílaba (proparoxítona) e passa a ser acentuada na penúltima sílaba (paroxítona), ou seja, a incidência do fenômeno acarreta em uma mudança de acento na palavra após a sua ressilabação.

2.4 TRABALHOS SOBRE A SÍNCOPE NAS PROPAROXÍTONAS

Alguns trabalhos que analisaram a síncope nas proparoxítonas na perspectiva da Sociolinguística Variacionista proposta por Labov foram Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008), Santana (2008), Ramos (2009) e Chaves (2011). Os resultados dos trabalhos dos autores mencionados mostraram que a síncope refere-se a um fenômeno associado aos princípios silábicos da língua portuguesa, influenciados tanto por fatores linguísticos quanto por fatores extralinguísticos, ou seja, de ordem social. Esses trabalhos serão apresentados brevemente, mostrando como a síncope nas proparoxítonas foi analisada.

2.4.1 Amaral (1999)

Amaral (1999), em sua tese de Doutorado "As proparoxítonas: teoria e variação", aborda uma análise variacionista do processo de síncope e uma análise fonológica do fenômeno (Fonologia Prosódica e Fonologia Métrica). Ela selecionou

dados do município de colonização açoriana de São José do Norte, localizado no extremo sul do Estado do Rio Grande do Sul. Foram 40 informantes, 20 do sexo feminino e 20 do masculino, todos com idade superior a 20 anos e com baixo grau de escolaridade (de zero a 4 anos de escolarização). As entrevistas foram realizadas em duas etapas: na primeira, um questionário incentivador e, na segunda, uma conversa informal.

Tendo como base as informações oriundas do trabalho de Caixeta (1989), *contexto seguinte*, *contexto precedente*, *traço de articulação da vogal*, *estrutura da sílaba precedente* e *extensão da palavra* foram elencados como possíveis influenciadores linguísticos do processo de síncope. Como influenciadores sociais, *sexo*, *faixa etária*, *escolaridade* e *tipo de entrevista* foram indicados como prováveis condicionadores.

Amaral (1999) concluiu que o contexto seguinte composto por líquida vibrante e líquida lateral foram os fatores que mais favoreceram o processo de síncope nas proparoxítonas. Depois, o traço de articulação da vogal, foi o segundo selecionado, mostrando que as vogais labiais são as que mais favorecem a queda da vogal postônica, diferentemente das vogais coronais que não favorecem. O resultado para a variável estrutura da sílaba precedente indica que, quando a sílaba é leve, o processo é mais favorecido do que quando é sílaba pesada. A autora defende que a sílaba leve é a que mais favorece o processo de síncope, pois "formas mais salientes, com mais material fonético, são mais resistentes a processos de mudança do que as menos salientes" (AMARAL, 1999, p. 156). Além disso, o contexto fonológico precedente à vogal postônica composto por uma consoante velar ou labial parece favorecer mais o fenômeno do que outras consoantes.

Em relação às variáveis sociais, o menor nível de escolaridade (menos anos de escolarização, menor instrução) foi indicado como fator que mais favorece a síncope. As variáveis *tipo de entrevista* e *sexo* também demonstraram ser favorecedoras ao processo de síncope nas proparoxítonas. A entrevista de fala espontânea foi o fator que mais favoreceu a redução da proparoxítona, e o sexo masculino também favoreceu mais a síncope do que o sexo feminino.

2.4.2 Silva (2006)

Silva (2006) analisou, em sua dissertação de Mestrado "Supressão da vogal postônica não-final: Uma tendência das proparoxítonas da Língua Portuguesa com evidências no falar sapeense", a síncope da vogal postônica não-final em vocábulos proparoxítonos na cidade de Sapé, Paraíba.

Seguindo a Teoria da Variação Linguística, Silva (2006) considerou restrições tanto linguísticas quanto sociais na realização do processo de apagamento ou não das proparoxítonas. Foram usados registros de fala espontânea de 36 informantes, estratificados socialmente com relação ao sexo, à faixa etária e à escolarização.

Os resultados estatísticos foram obtidos através do pacote de programas VARBRUL e mostraram as seguintes variáveis escolhidas como relevantes: contexto precedente, contexto seguinte, traço de articulação da vogal, estrutura da sílaba anterior, extensão da palavra, sexo, faixa etária, escolaridade e tipo de entrevista.

Os resultados evidenciaram que a principal, dentre as variáveis linguísticas, foi contexto fonológico seguinte, visto que é a que mais favorece a síncope com os fatores líquidas lateral e vibrante, com pesos relativos de 0.84 e 0.63, respectivamente; já as consoantes não líquidas não favoreceram a síncope, com peso relativo de 0.40. O contexto fonológico precedente apresentou que as fricativas favorecem o processo de síncope, com peso relativo de 0.63, diferentemente das oclusivas, com peso relativo de 0.53, próximo ao ponto neutro, das vibrantes, com peso relativo de 0.34, nasais, com peso relativo de 0.38, e laterais, com peso relativo de 0.33.

A variável extensão da palavra indicou que, quanto maior a palavra proparoxítona, mais pode acontecer a síncope (peso relativo de 0.61), já em proparoxítona com três sílabas apenas, não há um favorecimento do processo (peso relativo de 0.45). Na variável estrutura da sílaba tônica, a sílaba pesada favoreceu mais o processo de síncope, com o peso relativo de 0.59, do que a sílaba leve (peso relativo de 0.47).

O resultado para a variável traço de articulação da vogal indica que as vogais coronais apresentaram o peso relativo de 0.55, mostrando favorecer mais do

que as vogais dorsais e labiais, que apresentaram os pesos relativos de 0.49 e 0.38, respectivamente.

Entre os grupos de fatores extralinguísticos, a *escolarização* é o principal grupo que leva ao apagamento das vogais postônicas não-finais, ou seja, os menos escolarizados, de 0 a 2 anos de escolarização, demonstraram ser os maiores praticantes do fenômeno linguístico da síncope nas proparoxítonas, com peso relativo de 0.71, já os mais escolarizados, de 6 a 8 anos (peso relativo de 0.45) e mais de 9 anos (peso relativo de 0.43) não favoreceram a síncope nas proparoxítonas.

Em relação à idade, o fator faixa etária III (mais de 50 anos) mostrou favorecer mais o processo de síncope nas proparoxítonas, com o peso relativo de 0.58, do que a faixa I (peso relativo 0.37) e a faixa II (peso relativo de 0.55). O autor indicou que, na variável social sexo, o sexo masculino apresentou o peso relativo de 0.53, favorecendo mais ao processo de síncope do que as mulheres, com o peso relativo de 0.47.

2.4.3 Lima (2008)

Lima (2008), em sua dissertação de Mestrado "O efeito da síncope nas proparoxítonas: análise fonológica e variacionista com dados do Sudoeste Goiano", analisou a síncope da vogal postônica medial em palavras proparoxítonas. Foram analisados três processos fonológicos que a síncope desencadeia: assimilação, rressilabação e reestruturação do pé.

Lima (2008) estudou a manifestação da síncope de 36 informantes. O total de informantes foi estratificado: naturais de Rio Verde ou de Santa Helena de Goiás (duas cidades vizinhas), sendo 18 informantes provenientes de cada uma das regiões; sexo feminino e masculino; faixa etária (de 15 a 25 anos, de 26 a 49 anos e mais de 50 anos); grau de escolaridade (de 0 a 4 anos de estudo, de 5 a 11 anos de estudo ou mais de 12 anos).

Os resultados gerados pela análise de Lima (2008) mostraram que as variáveis linguísticas selecionadas como relevantes à aplicação da síncope foram: *contexto seguinte*, *contexto precedente*, *traço de articulação da vogal*, *estrutura da*

sílaba precedente; já as variáveis sociais (extralinguísticas) foram: *escolaridade*, *região* e *sexo*.

Em relação às variáveis linguísticas, no *contexto seguinte*, o fator líquida vibrante foi o que mais favoreceu a síncope, com peso relativo de 0.74. Já a líquida lateral apresentou o peso relativo de 0.41, não favorecendo a síncope. As consoantes obstruintes e nasais também não favoreceram o fenômeno, com pesos relativos de 0.43 e 0.32, respectivamente.

O *contexto precedente* foi a segunda variável selecionada, e o fator *velar* foi destacado como aquele mais relevante ao processo de apagamento, com o peso relativo de 0.76, já as consoantes alveolares e labiais não favoreceram a síncope com peso relativo, respectivamente, de 0.43 e 0.37.

O *traço de articulação*, terceira variável selecionada, apresentou as vogais labiais como favoráveis à síncope, com peso relativo de 0.59. Já as vogais dorsais e coronais indicaram não favorecer a síncope, com pesos relativos de 0.47 e 0.42, respectivamente. A quarta variável selecionada foi a *estrutura da sílaba precedente*, indicando que as sílabas pesadas (peso relativo de 0.55) são mais favorecedoras da síncope do que as sílabas leves (peso relativo de 0.48).

Dentre as variáveis extralinguísticas, foram selecionadas: *escolaridade*, *região* e *sexo*. Os menos escolarizados foram aqueles que mais aplicaram a regra. Os informantes de Santa Helena de Goiás aplicaram mais a síncope do que os informantes de Rio Verde. Lima (2008) relaciona essa diferença de aplicação da regra ao fato de a maioria dos moradores de Santa Helena de Goiás trabalhar na lavoura, verificando que a fala dos informantes da região assemelha-se à fala das zonas rurais do Sudoeste Goiano. Já a variável *sexo* mostrou que os homens são quem mais aplica a síncope nas proparoxítonas.

2.4.4 Santana (2008)

Santana (2008), em seu trabalho de iniciação científica (UEFS) intitulado "A síncope das proparoxítonas na fala da comunidade da Matinha", analisou dados da comunidade de Matinha, zona rural do município de Feira de Santana, região do semiárido baiano. O autor selecionou 12 informantes da comunidade distribuídos em três faixas etárias (18 a 38 anos, 39 a 58 anos e mais de 59 anos), sexo masculino e

feminino e escolaridade (analfabeto - nunca frequentou a escola -, semianalfabeto - estudou até a 2ª série -, e ensino fundamental incompleto - estudou até a 7ª série). As variáveis linguísticas analisadas na pesquisa foram: qualidade da vogal postônica, estrutura da sílaba, dimensão da palavra, contextos antecedente e seguinte à vogal postônica.

No total foram encontrados 291 dados, que passaram pela análise do programa estatístico Goldvarb. Os grupos de fatores selecionados pelo programa foram contexto antecedente à vogal postônica, contexto seguinte à vogal postônica e escolaridade. O contexto antecedente sibilante indicou o peso relativo de 0.80, mostrando ser o mais favorecedor à síncope; e as consoantes nasais e outras mostraram não favorecer a regra da síncope, com os pesos de 0.46 e 0.43, respectivamente. Os contextos seguintes formados por líquida lateral e vibrante demonstraram favorecer a síncope, com pesos relativos de 0.87 e 0.86, respectivamente; e o contexto com outras consoantes indicou o peso relativo 0.43, não favorecendo a síncope.

Na variável escolaridade, o fator analfabeto mostrou-se ser o mais favorecedor à síncope, com o peso relativo de 0.85, e os fatores ensino fundamental incompleto e semianalfabeto apresentaram 0.46 e 0.39 de peso relativo, respectivamente, demonstrando não favorecerem a síncope.

2.4.5 Ramos (2009)

Em sua dissertação de Mestrado, intitulada "Descrição das vogais postônicas não-finais na variedade do noroeste paulista", Ramos (2009) descreve o comportamento variável das vogais postônicas não-finais nos nomes na variedade da região de São José do Rio Preto, noroeste do Estado de São Paulo. É observada a realização dos processos fonológicos de apagamento das vogais postônicas não-finais e de alçamento das vogais [e] e [o] postônicas não-finais.

Foram usados dezenove inquéritos de fala espontânea retirados do banco de dados Iboruna, resultado do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista); e dois experimentos elaborados para a análise fonológica. A análise seguiu a Teoria da Variação e Mudança Linguística e das Fonologias não-lineares: Fonologia Métrica, Fonologia da Sílaba e Fonologia Autossegmental. Como um

resultado, tem-se que o percentual de aplicação do apagamento das vogais postônicas não-finais é de 8%. Já os percentuais de alçamento da vogal [e] postônica não-final são 59%, nos dados de fala espontânea, e 44%, nos dados de fala dirigida.

No resultado sobre o apagamento da vogal postônica, processo de síncope, os grupos de fatores selecionados pelo programa foram: consoante seguinte, consoante precedente, traço de articulação da vogal e faixa etária. As consoantes seguintes líquida lateral (l) e líquida vibrante (r) indicaram favorecer o processo de síncope da vogal postônica, com os pesos relativos de 0.99 e 0.98, respectivamente; já o fator demais consoantes apresentou o peso relativo de 0.35, não favorecendo a síncope da vogal postônica. O segundo grupo selecionado, a consoante precedente à vogal postônica, mostrou que a consoante sibilante (s,z) foi o contexto que mais favoreceu a síncope, com o peso relativo de 0.98, e também o fator mais contínuo (f,v,ʃ,ʒ,x) mostrou favorecer o processo de síncope, com peso de 0.65; já o fator menos contínuo (p,b,t,d,k,g) indicou não favorecer a regra, com peso 0.29.

O traço de articulação da vogal postônica foi o terceiro grupo selecionado, indicando que a vogal dorsal (a) e as vogais labiais (o,u) são as que mais favorecem a síncope, com pesos relativos de 0.99 e 0.76, respectivamente. E o fator vogais coronais (i,e) apresentou o peso relativo de 0.32, não favorecendo a regra.

A faixa etária foi a única variável social selecionada pelo programa, indicando que os informantes mais velhos aplicam mais a síncope nas proparoxítonas, pois as faixas de 36 a 55 anos e mais de 55 anos apresentaram os seguintes pesos relativos, respectivamente: 0.75 e 0.56. Os informantes das faixas 16 a 25 anos, 7 a 17 anos e 26 a 35 anos apresentaram os seguintes pesos, respectivamente: 0.46, 0.19 e 0.15.

2.4.6 Chaves (2011)

Chaves (2011), em sua dissertação de Mestrado "A redução de proparoxítonas na fala do Sul do Brasil", investigou a redução de proparoxítonas (síncope e apócope) em 102 entrevistas de fala espontânea, a partir do banco de dados do projeto Variação Linguística do Sul do País (VARSUL). Foi realizada uma reorganização na amostra devido a alguns informantes não apresentarem

proparoxítonas sincopadas, totalizando assim 61 informantes. Os informantes que compõem a amostra do trabalho de Chaves apresentam baixo grau de escolaridade (nível primário) e são habitantes dos três Estados da Região Sul do País - Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Chaves (2011) analisou apócope (apagamento dos segmentos finais dos vocábulos proparoxítonos: *elétrico* > *elétri*) e síncope (apagamento no interior da palavra proparoxítona, queda da vogal postônica: *abóbora* > *abobra*).

No que diz respeito ao processo de síncope, as variáveis selecionadas como relevantes à aplicação do fenômeno foram: contexto fonológico seguinte à vogal postônica (as líquidas vibrante e lateral foram os contextos que mais favoreceram a síncope, com pesos relativos de 0.95 e 0.92, respectivamente, e as não líquidas não favoreceram a síncope, com o peso de 0.37.); o contexto fonológico precedente à vogal postônica (a consoante velar foi a que mais favoreceu a regra, com peso relativo de 0.70, e a labial parece também favorecer, com o peso de 0.68, já a alveolar não favoreceu a síncope, com peso de 0.33); extensão da palavra (palavras com mais de três sílabas apresentaram o peso relativo de 0.77 e com três sílabas apresentaram o peso relativo de 0.37); classe gramatical (os substantivos favoreceram a síncope, com o peso relativo de 0.60, já os adjetivos indicaram não favorecer a síncope, com o peso relativo de 0.21); e traço de articulação da vogal (as vogais dorsais e labiais são as que mais favoreceram a síncope, com os pesos relativos de 0.67 e 0.63, respectivamente, já as vogais coronais apresentaram o peso relativo de 0.40, não favorecendo a síncope nas proparoxítonas).

As variáveis sociais não foram selecionadas pelo programa. Desse modo, após a realização de cruzamentos entre todas as variáveis sociais delimitadas, a interação entre *faixa etária* e *sexo* foi destacada como significativa, mostrando que as mulheres da faixa etária III (60 anos) aplicam mais a síncope nas proparoxítonas do que as mulheres mais jovens, com o peso relativo de 0.80, já as faixas etárias II e I indicaram os pesos relativos de 0.39 e 0.42, respectivamente. Os homens mais jovens apresentaram o peso relativo de 0.61, já a faixa etária II apresentou o peso relativo de 0.51, e a faixa III, 0.33.

2.4.7 Conclusão

Pode-se observar que o fenômeno de síncope, além da constatação de influências de fatores linguísticos, internos, como regras/condições do sistema linguístico, tem também grande influência dos fatores extralinguísticos, os fatores sociais, como faixa etária, sexo, escolaridade e outros.

A partir desta breve descrição de trabalhos anteriores sobre o fenômeno aqui proposto, a presente pesquisa pretende ter como base esses e outros trabalhos, para poder comparar nossos resultados com os que servirão de base. Esse tipo de pesquisa traz uma contribuição na ampliação da descrição do português brasileiro.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo serão apresentados os procedimentos usados na pesquisa, serão abordados os objetivos da pesquisa, o banco de dados utilizado, as comunidades de fala analisadas, as variáveis linguísticas e extralinguísticas e o programa estatístico utilizado.

Como já foi mencionado anteriormente, este trabalho segue o modelo da Sociolinguística Variacionista proposto por Labov (2008[1972]), considerando a língua como heterogênea e sujeita à variação e à mudança, influenciada por fatores linguísticos e extralinguísticos/sociais.

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a síncope nas palavras proparoxítonas nas comunidades rurais afro-brasileiras do estado da Bahia, ampliando a descrição do português no nível fônico da língua.

3.1.1 Objetivos específicos

1. Averiguar quais são os fatores linguísticos relevantes para a aplicação da regra da síncope da vogal postônica nas palavras proparoxítonas nas comunidades rurais afro-brasileiras.
2. Identificar quais são os fatores extralinguísticos relevantes para a aplicação da regra da síncope da vogal postônica nas palavras proparoxítonas nas comunidades rurais afro-brasileiras.
3. Comparar os resultados encontrados com outros trabalhos que já analisaram o fenômeno, como Amaral (1999), Chaves (2011), Ramos (2009), além de outros.

3.2 BANCO DE DADOS

O *corpus* usado nesta pesquisa faz parte do banco de dados do *Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*, coordenado pelos professores Dante Lucchesi (UFF) e Gredson dos Santos (UFBA).

O *Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia* visa analisar o perfil sociolinguístico do português popular do estado da Bahia, abordando como parâmetros: o contato entre línguas na sua formação histórica e os processos de difusão linguística partindo dos grandes centros urbanos.

O acervo do projeto foi formado em três etapas, e conta com mais de 150 entrevistas realizadas através de coletas feitas por pesquisadores do projeto. A primeira etapa faz referência ao Acervo de Fala Vernácula do Português Afro-Brasileiro do Estado da Bahia, que possui uma coleta de amostras de fala de quatro comunidades afro-brasileiras de diferentes regiões do estado da Bahia, remanescentes de quilombos (Cinzento, Helvécia, Rio de Contas e Sapé). Esta etapa é a utilizada neste trabalho e será retomada posteriormente na descrição das comunidades.

A segunda etapa do projeto diz respeito ao Acervo de Fala Vernácula do Português Popular do Interior do Estado da Bahia, que é composto por entrevistas coletadas nos municípios de Poções e Santo Antônio de Jesus, tanto em suas sedes quanto na zona rural do município. Já a terceira etapa reúne registros de fala vernácula de quatro bairros de Salvador, capital do estado da Bahia, e de um município da região metropolitana. Os bairros são Liberdade, Plataforma, Itapuã e Cajazeiras; e o município da região metropolitana é Lauro de Freitas.

Veremos a seguir uma descrição das comunidades analisadas nesta pesquisa, que fazem referência à primeira etapa do *Projeto Vertentes*.

3.3 AS COMUNIDADES ESTUDADAS

As comunidades analisadas nesta pesquisa são Cinzento, Helvécia, Rio de Contas e Sapé, que são comunidades rurais na Bahia e fazem parte do Acervo de Fala do Português Afro-Brasileiro do Estado da Bahia. Essas comunidades formam investigadas na primeira fase do *Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*.

Conforme Lucchesi (2009), as comunidades rurais afro-brasileiras formam

formadas quase que exclusivamente por afrodescendentes e mantidas em isolamento até meados do século XX, essas comunidades de fala exibiram processos de variação e mudança mais diretamente relacionados ao processo de transmissão linguística irregular⁴ desencadeado em situações de contato entre línguas (LUCCHESI, 2009).

Então, as comunidades afro-brasileiras mostram ter em comum as suas formações sócio-históricas, sendo formadas por descendentes de africanos que foram escravizados e habitaram esses locais, além de serem situadas em lugares mais isolados de áreas urbanas desenvolvidas e de possuírem atividades voltadas à agricultura e à pecuária.

São doze entrevistas coletadas em Cinzento, no ano de 2002. Em Helvécia foram realizadas 24 inquéritos (18 deles formam o *corpus* base da comunidade e 6 de reserva) no ano de 1994. Em Rio de Contas os dados foram coletados em 1992 e compreendem 24 inquéritos (12 do *corpus* base, 4 de controle e 8 de reserva). E, na comunidade de Sapé, o *corpus* foi constituído com 12 inquéritos em 2003.

Desses inquéritos, foram escolhidos 12 informantes de cada comunidade de acordo com a divisão já feita pelo banco de dados, totalizando 48 informantes para esta pesquisa. A escolha dos informantes de cada comunidade de fala foi feita de acordo com as seguintes variáveis estratificadas: sexo masculino (M) e feminino (F), idade (faixa I: de 20 a 40 anos; Faixa II: de 40 a 60 anos; Faixa III: mais de 60 anos), escolaridade (semianalfabeto (S) e analfabeto (A)) e estada fora da comunidade por mais de seis meses (E) e não saiu da comunidade (N).

Podemos observar essas variáveis estratificadas por cada informante nos quadros a seguir:

Quadro 01: Cinzento

⁴ Conforme Lucchesi e Baxter (2009), a transmissão linguística irregular ocorre quando uma língua de um grupo dominante é imposta a falantes adultos de outras línguas, e a aquisição desta língua, língua-alvo, se dá de maneira mais ou menos defectiva, dependendo do contexto sócio-histórico. Diante disso, as novas gerações seguintes desses falantes têm dados linguísticos primários que apresentam lacunas e reanálises em seus mecanismos gramaticais.

FAIXA I	FAIXA II	FAIXA III
INF01 - F - 28a - S - E	INF05 - M - 50a - S - N	INF09 - F - 63a - A - N
INF02 - F - 16a - S - N	INF06 - M - 48a - S - E	INF10 - F - 107a - A - N
INF03 - M - 34a - S - E	INF07 - F - 44a - S - N	INF11 - M - 64a - S - N
INF04 - M - 41a - S - E	INF08 - F - 50a - A - N	INF12 - M - 82a - A - N

(Fonte: adaptado de <http://www.vertentes.ufba.br/1a-etapa/comunidades>)

Quadro 02: Helvécia

FAIXA I	FAIXA II	FAIXA III
INF01 - F - 29a - A - N	INF07 - F - 42a - A - E	INF13 - F - 85a - A - N
INF02 - M - 28a - S - E	INF08 - M - 44a - S - N	INF19 - F - 103a - A - E
INF03 - F - 35a - S - E	INF09 - F - 54a - A - N	INF20 - M - 70a - A - E
INF04 - M - 30a - S - N	INF12 - M - 57a - A - N	INF22 - M - 80a - A - N

(Fonte: adaptado de <http://www.vertentes.ufba.br/1a-etapa/comunidades>)

Quadro 03 : Sapé

FAIXA I	FAIXA II	FAIXA III
INF01 - F - 24a - S - N	INF05 - F - 53a - S - E	INF09 - F - 76a - A - N
INF02 - M - 27a - S - N	INF06 - M - 42a - S - N	INF10 - M - 70a - A - N
INF03 - F - 36a - A - N	INF07 - F - 55a - A - N	INF11 - F - 77a - A - N
INF04 - M - 28a - A - N	INF08 - M - 48a - A - N	INF12 - M - 66a - A - N

(Fonte: adaptado de <http://www.vertentes.ufba.br/1a-etapa/comunidades>)

Quadro 04: Rio de Contas

FAIXA I	FAIXA II	FAIXA III
INF04 - F - 37a - A - E	INF08 - M - 55a - A - E	INF20 - M - 77a - A - N
INF05 - M - 26a - S - N	INF09 - M - 43a - S - E	INF21 - F - 74a - A - N
INF06 - M - 36a - S - E	INF11 - F - 42a - S - E	INF24 - F - 75a - A - N
INF07 - F - 26a - S - N	INF13 - F - 47a - S - N	INF26 - M - 68a - S - E

(Fonte: adaptado de <http://www.vertentes.ufba.br/1a-etapa/comunidades>)

É importante salientar que não há simetria no fator escolaridade em alguns informantes no banco de dados analisado. Há apenas um homem da faixa I que é analfabeto, os demais são semianalfabetos; ainda na faixa I, cinco mulheres são semianalfabetas e as demais analfabetas. Na faixa II, há cinco homens semianalfabetos e os demais são analfabetos. Na faixa III, todas as mulheres são analfabetas, ou seja, não tem mulher semianalfabeta nesta faixa; e apenas dois homens na faixa III são semianalfabetos, sendo os demais analfabetos.

Apesar desta situação, achamos necessário usar o grupo de fator *escolaridade* nesta análise, pois os semianalfabetos estiveram, no mínimo, quatro anos na escola, e os analfabetos não. E acreditamos que o contato com a escola pode influenciar na não aplicação do fenômeno estudado.

Observaremos a seguir uma descrição mais detalhadas sobre as comunidades afro-brasileiras.

3.3.1 Cinzento

A comunidade de Cinzento faz parte do município de Planalto, na Bahia, teve sua origem aproximadamente na primeira metade do século XIX, e foi formada de forma clandestina, ou seja, as pessoas fugiam e iam viver em Cinzento. Conforme Lucchesi et al. (2009, p. 95) :

Ana Isidora, o membro mais velho da comunidade, com aproximadamente 107 anos de vida, afirma que os primeiros moradores vieram "currido", sugerindo que a chegada se deu de forma clandestina, pois a vinda se deu "à meia-noite, terça-noite".

Cinzento é considerada uma comunidade afro-brasileira, recebeu em 19 de agosto de 2005 certificação de comunidade remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares. A origem do nome da comunidade está associada a uma narrativa fantástica, revelando a situação de dificuldade e pobreza da comunidade:

Curiosa, também, é a origem do nome que, por si, descreve o estado de pobreza dos seus primeiros moradores. Conta Ana Isidora que o nome provém de um boi gordo, "de tão gordo, parecia

cinza”, que apareceu milagrosamente para alimentar os fundadores da comunidade. (LUCCHESI et al., 2009, p. 96)

Diante de uma situação precária da comunidade, estima-se que o motivo que levaria as pessoas à comunidade de Cinzento seria a fuga da escravidão e a busca de um local para formação de uma irmandade com base na cor e parentesco (LUCCHESI *et. al.*, 2009).

3.3.2 Helvécia

A comunidade de Helvécia está situada no extremo sul da Bahia, faz parte do município de Nova Viçosa e é formada por afrodescendentes. A comunidade recebeu em 19 de abril de 2005 a certificação oficial de comunidade remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares.

A comunidade de Helvécia apresenta atividades econômicas voltadas para agricultura, indústria de celulose (devido à plantação de eucaliptos) e pecuária. Os moradores de Helvécia praticam a agricultura de subsistência, cultivam feijão, milho, abóbora e outros.

Helvécia se originou na antiga Colônia Leopoldina, que é uma colônia suíço-alemã estabelecida em 1818 e que durou até a abolição, em 1888, e tinha a mão de obra escrava como principal força para o trabalho com o cultivo do café (LUCCHESI et al., 2009). Um fator que interferiu no declínio de Helvécia foi a expansão do café para outros lugares, regiões do país, fazendo com que os colonos migrassem, mas alguns ex-escravos ficaram em terras próximas às plantações. Ferreira (1994) diz que:

Com a decadência da cultura do café, os europeus abandonaram gradativamente aquela área deixando como herança o próprio nome da cidade, descendentes de mestiços e alguns antropônimos. Os negros, todavia, permaneceram com uma população enquistada e com eles um falar crioulo que deve ter sido geral, já que em 1961 dele subsistiam ainda vestígios. (FERREIRA, 1994, p. 22)

A comunidade se constituiu em uma área isolada das demais comunidades da região, revelando ser este isolamento, para alguns estudiosos, um caráter especial e peculiar da comunidade. Conforme Lucchesi et al. (2009):

(...) há outros fatores mais significativos que apontam para o seu estatuto especial. Dentre esses, destacamos o fato de a comunidade de ex-escravos da Colônia Leopoldina ter se fixado na região da colônia, numa situação relativamente isolada, e não se ter dispersado tanto quanto outras populações de ex-escravos após 1888. (LUCCHESI et al., 2009, p. 87)

Além de se desenvolver de forma isolada, Helvécia também possui outro aspecto importante, principalmente no que tange à formação linguística da população, que é a relação da quantidade de estrangeiros, que eram os colonos das fazendas, com escravos, de origem africana.

(...) O Dr. Carl Augusto Toelsner num trabalho intitulado A Colônia Leopoldina no Brasil refere-se àquele núcleo como uma região muito próspera, onde já existem 40 fazendas, 200 brancos (na maioria alemães, suíços, alguns franceses e brasileiros) e 2.000 negros; os últimos, na maior parte, já nascidos na futura Helvécia. (FERREIRA, 1994, p. 22)

Diante dessa formação, possivelmente o português desenvolvido nesta comunidade se diferenciado de outras comunidades, desde que os colonos estrangeiros não tinham o português como língua materna, podendo assim contribuir para estudos de línguas em contato e a formação de crioulo na comunidade.

3.3.3 Rio de Contas

A comunidade de Rio de Contas faz referencia às duas comunidades afro-brasileiras isoladas de Barra e Bananal, que têm dois quilômetros de distância de uma comunidade a outra. Essas comunidades ficam na região da Chapada Diamantina. No dia 12 de setembro de 2005, Rio de Contas recebeu, pela Fundação Cultural Palmares, a certificação de comunidade remanescente de quilombo.

Barra e Bananal são povoados do município de Rio de Contas e foram constituídos por uma população afrodescendente, sendo fundados por negros escravos por volta do século XVII, e a história de formação destas comunidades, segundo Leonardo Sakamoto, citado por Lucchesi et al. (2009), tem ligação com um naufrágio de um navio negreiro vindo da África. Os sobreviventes do naufrágio procuraram um lugar seguro para ficar e seguiram o curso do Rio de Contas, escolhendo, assim, as cabeceiras do Rio Brumado, permanecendo lá e praticando a agricultura de subsistência e cultivando suas tradições.

Conforme Lucchesi *et al.* (2009), a origem dos Arraiais de Rio de Contas (Barra e Bananal) tem uma relação com o povoamento da região pelos bandeirantes. Lucchesi et al.(2009) dizem que:

Seus primeiros moradores foram possivelmente escravos foragidos, que, em busca de um lugar seguro para sobreviver, seguiram o curso do Rio de Contas, estabelecendo-se nas cabeceiras do Rio Brumado, onde desde então, praticam agricultura de subsistência. (LUCCHESI *et al.*, 2009, p. 98)

O município de Rio de Contas (que envolve as comunidades de Barra e Bananal) tem como prática a agricultura de subsistência, poucas condições em relação à educação e saneamento básico. E os habitantes desse município revelam praticar a endogamia na comunidade (LUCCHESI *et al.*, 2009).

Barra e Bananal não permanecem em um isolamento total, devido aos avanços do turismo, recebendo visitas constantes de turistas que vão conhecer o município de Rio de Contas, e isso impactou nas tradições locais. Conforme Lucchesi et al. (2009, p. 98), "(...) algumas das tradições de origem africana foram se perdendo, em função do contato com a cultura branca europeia, particularmente em função dos valores do catolicismo que se tornou a religião predominante nas duas comunidades".

3.3.4 Sapé

A comunidade de Sapé faz parte do município de Valença, no sul do Recôncavo da Bahia. Sapé recebeu a certificação oficial de reconhecimento como

comunidade remanescente de quilombo em 05 de maio de 2009, concedida pela Fundação Cultural Palmares.

A comunidade também é conhecida como Sapé Grande pelos moradores mais velhos, e conhecida como Sapé Alto pelos moradores mais jovens. Seus moradores vivem da agricultura de subsistência, vendem a farinha produzida através da plantação de mandioca na comunidade e revelam viver em condições precárias com relação ao saneamento básico.

Segundo Lucchesi *et al.* (2009), a comunidade, na atualidade, é formada aproximadamente por 100 habitantes na região mais concentrada, e constituída, predominantemente, por pessoas mais jovens e crianças. Existe energia elétrica na comunidade, mas a maioria das famílias não tem o privilégio de utilizá-la, pois esta é utilizada apenas na rua principal.

A formação da comunidade está associada à abolição da escravatura, pois alguns fazendeiros cederam terras aos negros que foram escravizados e passaram a ter a sua liberdade. Conforme Lucchesi *et al.* (2009):

Nessa região, mesmo após a abolição, muitos negros permaneceram nas fazendas, trabalhando sem nada receber. Os fazendeiros da região não pareciam gozar de uma boa situação econômica. Alguns anos depois, segundo o Sr. Nuna – um branco que foi morar próximo à região, em 1959, e buscou conhecer a formação da comunidade de Sapé –, os fazendeiros, para quitar suas dívidas com os ex-escravos, "doaram"-lhes pedaços de terra improdutivos, mais altos, sem trato e distantes da água. Esses ex-escravos ali permaneceram e casaram entre si, aumentando a população local, e, curiosamente, mantendo-se isolados. De acordo com o Sr. João Barreto, foram cinco negras de uma família de oito que deram origem à comunidade, entre elas, D. Isabel, mãe de Sr. Liordino, que diz ter espalhado pela região mais de 30 filhos. (LUCCHESI *et al.*, 2009, p. 99)

Mesmo diante de um contexto formador relacionado à descendência africana através dos escravos, conforme seus moradores, Sapé possui uma predominância da religião católica, e esses moradores rechaçam a ideia de cultos africanos quando inquiridos sobre o assunto (LUCCHESI *et al.*, 2009).

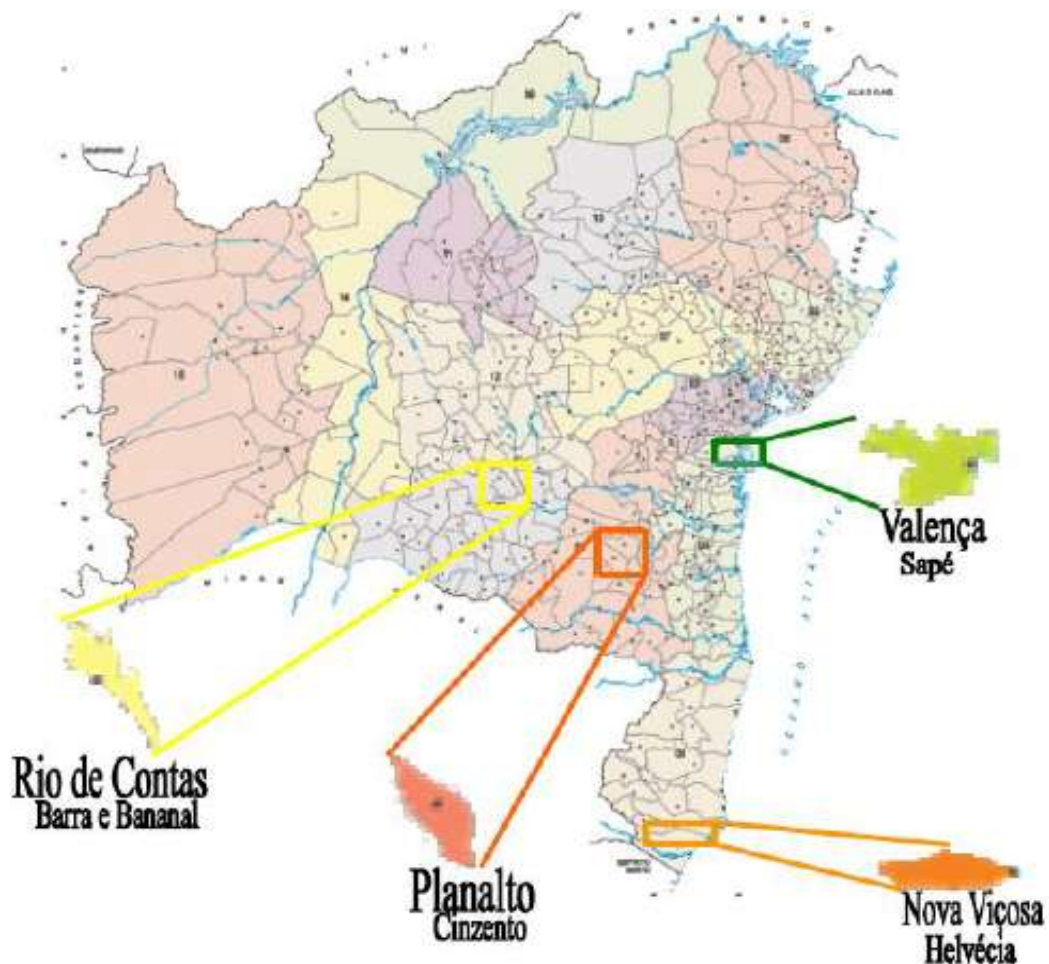
Sobre as comunidades de Cinzento, Rio de contas e Sapé, segundo Lucchesi *et al.* (2009), não há muitas informações sobre a formação da língua dessas comunidades, apenas a comunidade de Helvécia, pelo fato de existir mais

informações sobre a formação do povo e da comunidade, é que se pode relacionar com a questão de contato entre línguas.

Conforme Lucchesi et al. (2009), as comunidades rurais afro-brasileiras (Cinzento, Helvécia, Rio de Contas e Sapé) foram formadas por descendentes de africanos que foram escravizados, e, com isso, a população desses lugares carrega traços linguísticos que podem ter sido influenciados por seus ancestrais.

Podemos observar as comunidades rurais afro-brasileiras da Bahia no mapa a seguir:

Imagem 01: Localização das comunidades afro-brasileiras



(Fonte: <http://www.vertentes.ufba.br/1a-etapa/comunidades>)

3.4 DELIMITAÇÃO DA AMOSTRA

Para este trabalho foram escolhidos 12 informantes de cada comunidade, totalizando, assim, 48 entrevistas analisadas. Nas entrevistas foram encontradas palavras proparoxítonas que foram ouvidas e analisadas como a vogal postônica se comportava nestas. O levantamento de dados nas quatro comunidades totalizou em 816 dados. Veremos esses dados separados por cada comunidade nos quadros a seguir, que indicam o número do informante e a quantidade de dados encontrados. Os quadros estão por ordem alfabética de acordo com as comunidades.

Na comunidade de Cinzento, foram encontrados 260 dados, como mostra o quadro:

Quadro 05: Amostra de Cinzento

INFORMANTES	DADOS
01	25
02	41
03	16
04	54
05	11
06	17
07	14
08	23
09	04
10	02
11	39
12	14
TOTAL	260

Em Helvécia obtivemos 273 dados, como mostra o quadro:

Quadro 06: Amostra de Helvécia

INFORMANTES	DADOS
01	30
02	19
03	54
04	38
05	27
06	13
07	17
08	20
09	10
10	10
11	26
12	9

TOTAL	272 dados
--------------	------------------

Na comunidade de Rio de Contas, foram encontrados 153 dados, como podemos ver no quadro a seguir:

Quadro 07: Amostra de Rio de Contas

INFORMANTES	DADOS
01	06
02	17
03	19
04	10
05	06
06	17
07	32
08	12
09	05
10	04
11	10
12	15
TOTAL	153

Na comunidade de Sapé, 131 dados foram encontrados conforme o quadro:

Quadro 08: Amostra de Sapé

INFORMANTES	DADOS
01	11
02	13
03	22
04	03
05	22
06	17
07	04
08	09
09	07
10	05
11	05
12	13
TOTAL	131

Esse levantamento de dados foi feito com atenção, e todas as proparoxítonas encontradas nas entrevistadas foram quantificadas. Após a quantificação dos dados, partimos para a etapa da audição das entrevistas com cuidado e atenção para observar como as proparoxítonas eram realizadas.

Esses dados foram analisados conforme algumas variáveis, que serão apresentadas na próxima seção.

3.5 AS VARIÁVEIS ESTUDADAS

3.5.1 Variável dependente

A variável dependente desta pesquisa compreende a aplicação da síncope nas proparoxítonas e a não aplicação da síncope nas proparoxítonas, ou seja, uma análise binária. A codificação dessa variável ficou da seguinte forma:

1 – aplicação da síncope nas proparoxítonas (*abóbra*);

0 – não aplicação da síncope nas proparoxítonas (*abóbora*).

3.5.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes são divididas em linguísticas e extralinguísticas, revelando quais os grupos de fatores que influenciam na realização ou na não realização da síncope nas proparoxítonas. Conforme Mollica (2015, p. 27), "as variáveis, tanto linguísticas quanto não linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes".

As variáveis linguísticas fazem referência ao sistema linguístico, ou seja, à estrutura interna da palavra, a relação entre os seus segmentos, etc. As variáveis extralinguísticas são sociais, contextos externos à língua que interferem em sua variação ou mudança, como escolaridade, por exemplo. Veremos a seguir as variáveis linguísticas e extralinguísticas utilizadas nesta dissertação.

3.5.2.1 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas para esta pesquisa foram organizadas a partir dos trabalhos de Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008), Ramos (2009) e Chaves (2011), são elas: contexto fonológico precedente à vogal postônica, contexto

fonológico seguinte à vogal postônica, traço de articulação da vogal postônica, estrutura da sílaba tônica, extensão da palavra e frequência lexical.

Veremos a seguir uma descrição de cada variável linguística desta pesquisa.

3.5.2.1.1 Contexto fonológico precedente à vogal postônica

O *contexto fonológico precedente à vogal postônica* se refere ao segmento que vem antes da vogal postônica, ou seja, à consoante que forma o ataque da sílaba postônica. Esse grupo de fator é importante de ser analisado porque, nos trabalhos usados como arcabouço teórico desta pesquisa, os resultados mostraram que esse grupo de fator tem efeitos na realização do fenômeno e foi selecionado pelo programa estatístico usado para análise do fenômeno.

Os contextos precedentes *velar* e *labial* são apontados como favorecedores da síncope nas proparoxítonas. Conforme Amaral (1999) e Lima (2008), os segmentos velares e labiais, quando estão juntos às líquidas, geram grupos consonantais bem-formados, após a realização da queda da vogal postônica não-final, ou seja, da síncope na vogal postônica nas proparoxítonas.

Os fatores que compõem esse grupo são:

- a) labial (abóbora⁵)
- b) alveolar (módulo)
- c) velar (máscara)
- d) palatal (mágica- /ʒ/)

3.5.2.1.2 Contexto fonológico seguinte à vogal postônica

O *contexto fonológico seguinte à vogal postônica* diz respeito ao segmento seguinte à vogal da sílaba postônica que é elidida quando acontece o processo de síncope na palavra proparoxítônica.

Nos trabalhos de Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008), Ramos (2009) e Chaves (2011), esse grupo de fator foi selecionado como relevante à realização do fenômeno da síncope nas proparoxítonas. Conforme Amaral (1999), quando o

⁵ Os exemplos foram retirados dos trabalhos de Chaves (2011) e Amaral (1999).

segmento seguinte à vogal postônica é /r/ ou //, e esta vogal é apagada, há uma configuração de boa formação de sílaba, e isso está associado a estudos do latim vulgar.

Os fatores que constituem o grupo de pesquisa apresentado são:

- a) líquida lateral (óculos)
- b) líquida vibrante (chácara)
- c) Não líquida (quilômetro)

3.5.2.1.3 Traço de articulação da vogal postônica

Nos trabalhos de Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008), Ramos (2009) e Chaves (2011), o grupo de fator *traço de articulação da vogal postônica* foi selecionado como relevante para a aplicação do processo de síncope nas proparoxítonas. Esses trabalhos indicam que as vogais labiais e dorsais são as que mais favorecem o processo de síncope nas proparoxítonas.

Os fatores que fazem parte desse grupo são:

- a) labial (óculos / abóbora)
- b) dorsal (chácara)
- c) coronal (matemática / córrego)

3.5.2.1.4 Estrutura da sílaba tônica

A escolha do grupo de fator *estrutura da sílaba tônica* foi feita devido ao fato de os trabalhos de Amaral (1999), Silva (2006) e Lima (2008) mostrarem a importância deste na realização da queda da vogal postônica nas palavras proparoxítonas. Amaral (1999) mostrou que a sílaba tônica leve favorece a síncope nas proparoxítonas, já Silva (2006) e Lima (2008) mostraram que a sílaba pesada favorece a realização da síncope nas proparoxítonas.

Os fatores que formam esse grupo são:

- a) sílaba leve (**ch**ácara)
- b) sílaba pesada (**ár**vore)

3.5.2.1.5 Extensão da palavra

Os trabalhos sobre síncope nas proparoxítonas mostram que o grupo de fator *extensão da palavra* tem influência na queda da vogal postônica. Silva (2006) e Chaves (2011) revelaram que esse grupo de fator foi selecionado em suas pesquisas, mostrando que quanto maior a palavra haverá mais a realização da síncope.

A análise do tamanho da palavra já é feita desde o latim; segundo Faria (1955, p. 167), a síncope, no latim proto-histórico, atuava essencialmente na redução de vocábulos com quatro ou mais sílabas.

Os fatores considerados nesse grupo são:

- a) 3 sílabas (fósforo)
- b) 4 ou mais sílabas (*abóbora*)

3.5.2.1.6 Frequência lexical

O grupo de fator *frequência lexical* foi escolhido para ser analisado neste trabalho devido à repetição de algumas palavras nas entrevistas analisadas. Para que a repetição dessas palavras não interfira nos resultados, decidimos organizar as palavras que tinham mais de dez repetições no *corpus* analisado, ou seja, se uma palavra aparecesse mais de dez vezes, esta já seria separada como um fator, as palavras que não completassem esse número de repetições entraram no fator *outros*.

Os fatores que formam esse grupo são:

- | | |
|-------------|---------------|
| a) abóbora | i) médico |
| b) álcool | j) música |
| c) árvore | k) ônibus |
| d) córrego | l) política |
| e) estômago | m) quilômetro |
| f) época | n) rápido |
| g) grávida | o) sábado |
| h) máquina | p) outros |

3.5.2.2 Variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas/sociais desta pesquisa estão divididas conforme o banco de dados do Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia. Nos trabalhos usados como arcabouço teórico desta pesquisa, as variáveis extralinguísticas mostram ser importantes na análise do fenômeno de síncope nas proparoxítonas.

As variáveis extralinguísticas desta pesquisa são:

3.5.2.2.1 Comunidade

Esta variável diz respeito às comunidades analisadas na pesquisa, que são:

- a) Helvécia
- b) Sapé
- c) Rio de Contas
- d) Cinzento

3.5.2.2.2 Sexo

Esta variável é classificada conforme o sexo biológico dos informantes (sexo feminino e sexo masculino). Os trabalhos de Amaral (1999), Silva (2006) e outros mostraram que esta variável é importante na análise da síncope, observando que os homens tendem a reduzir mais as palavras proparoxítonas do que as mulheres.

Os fatores para este grupo são:

- a) Feminino
- b) Masculino

3.5.2.2.3 Faixa etária

A variável faixa etária diz respeito às idades dos falantes, e a sua divisão está semelhante à do banco de dados analisado nesta pesquisa que é o Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia.

Os fatores que compõem esta pesquisa são:

- a) Faixa I (20 a 40 anos)
- b) Faixa II (41 a 60 anos)
- c) Faixa III (+ 60 anos)

3.5.2.2.4 *Escolaridade*

O grupo de fator escolaridade está organizado conforme o banco de dados do *Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*. Esta variável possui apenas dois fatores em relação ao nível de escolaridade, que é analfabeto, que faz referência a quem nunca frequentou a escola, e o fator semianalfabeto, que diz respeito a informantes que frequentaram a escola por quatro anos.

- a) Analfabeto
- b) Semianalfabeto (4 anos na escola)

3.5.2.2.5 *Estada fora da comunidade*

Esta variável extralinguística diz respeito à questão de moradia na comunidade, um fator que faz referência a informantes que sempre viveram na comunidade sem terem saído desta para outra, ou seja, não tiveram contato com um novo lugar, pessoas e culturas distintas. E o outro fator analisado neste grupo é se o informante já viveu pelo menos seis meses fora da comunidade.

Os fatores deste grupo são:

- a) Estada fora pelo menos seis meses
- b) Viveu sempre na comunidade

No quadro a seguir veremos as variáveis controladas na análise e sua codificação.

Quadro 09: Variáveis independentes**Variáveis linguísticas****1 Contexto fonológico precedente à vogal postônica:**

- a- labial (abóbora)
- b- alveolar (módulo)
- c- velar (máscara)
- d- palatal (mágica)

2 Contexto fonológico seguinte à vogal postônica:

- f- líq.lateral (óculos)
- g- líq.vibrante (chácara)
- h- não líquida

3 Traço de articulação da vogal postônica:

- i- labial (óculos)
- j- dorsal (chácara)
- k- coronal (matemática)

4 Estrutura da sílaba tônica:

- l- sílaba leve (chácara)
- m- sílaba pesada (árvore)

5 Extensão da palavra:

- n- 3 sílabas (fósforo)
- o- 4 ou mais sílabas (abóbora)

6 Frequência lexical:

- p- Abóbora &- Rápido
- q- Álcool e- Sábado
- r- Árvore Ç-Outros
- s-Córrego
- t- Estômago
- u- Época
- v- Grávida
- w- Máquina
- x- Médico
- y-Música
- z -Ônibus
- # - Política
- @- Quilômetro

Variáveis extralinguísticas**7 Comunidade:**

- H- Helvécia
- S-Sapé
- R- Rio de Contas
- C-Cinzento

8 Sexo:

- F - feminino
- M - masculino

9 Idade:

- N - faixa I (20 a 40 anos)
- J - faixa II (41 a 60 anos)
- V - faixa III (+ 60 anos)

10 Escolaridade:

- A - analfabeto
- S - semianalfabeto (4 anos na escola)

11 Estada fora da comunidade:

- E- pelo menos seis meses
- N- viveu sempre na comunidade

3.6 HIPÓTESES

Conforme os resultados de outros trabalhos e das variáveis analisadas, temos as seguintes hipóteses para este trabalho.

- I. Os contextos fonológicos seguintes líquida lateral e líquida vibrante favorecerão a realização da síncope nas proparoxítonas, conforme os trabalhos de Amaral (1999), Chaves (2011), Lima (2008), Ramos (2009), Santana (2008) e Silva (2006).
- II. Os contextos fonológicos precedentes velar e labial favorecerão a síncope nas proparoxítonas, conforme os trabalhos de Amaral (1999), Chaves (2011), Lima (2008)⁶.
- III. Os traços de articulação da vogal labial e dorsal serão os que mais favorecem a síncope nas proparoxítonas, conforme Ramos (2009) e Chaves (2011).
- IV. A sílaba pesada terá influência na aplicação do processo de síncope nas proparoxítonas, conforme Silva (2006) e Lima (2008).
- V. A palavra proparoxítona com mais de três sílabas será mais propícia à síncope da vogal postônica, conforme Amaral (1999), Chaves (2011), Lima (2008), Silva (2006) e Ramos (2009).
- VI. O sexo masculino utilizará mais a variável não padrão/sincopada, conforme Amaral (1999), Lima (2008) e Silva (2006).
- VII. A faixa etária III, ou seja, os mais velhos realizarão mais a síncope nas palavras proparoxítonas do que os mais jovens, conforme o trabalho de Silva (2006).
- VIII. Quanto menor o grau de escolaridade maior será a produção da síncope nas proparoxítonas, conforme os trabalhos de Lima (2008), Santana (2008) e Silva (2006).
- IX. A comunidade de Helvécia será a comunidade na qual haverá mais realização da síncope nas proparoxítonas devido ao fato de ser mais distante da capital do estado, ou seja, é mais isolada de áreas urbanas,

⁶ Em Lima (2008), apenas a velar favorece a síncope nas proparoxítonas.

visto que a síncope pode estar associada mais ao contexto da fala da zona rural, conforme Lima (2008), Santana (2008) e outros.

3.7 O TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS

O método usado nesta pesquisa é o *estatístico*, que visa possibilitar uma descrição quantitativa da sociedade, considerada como um todo organizado e sistemático.

Conforme Gil (2008, p. 17), “este método se fundamenta na aplicação da teoria estatística da probabilidade e constitui importante auxílio para a investigação em ciências sociais”. Com isso, as explicações obtidas através da utilização do *método estatístico* não devem ser consideradas verdades absolutas, mas portadoras de probabilidade de serem verdadeiras.

As variáveis linguísticas e extralinguísticas apresentadas anteriormente foram testadas no programa Goldvarb X, que é um programa estatístico que indica porcentagem de aplicação e não aplicação do fenômeno, assim também como porcentagem e pesos relativos dos grupos de fatores, mostrando as suas influências para a realização da síncope nas proparoxítonas.

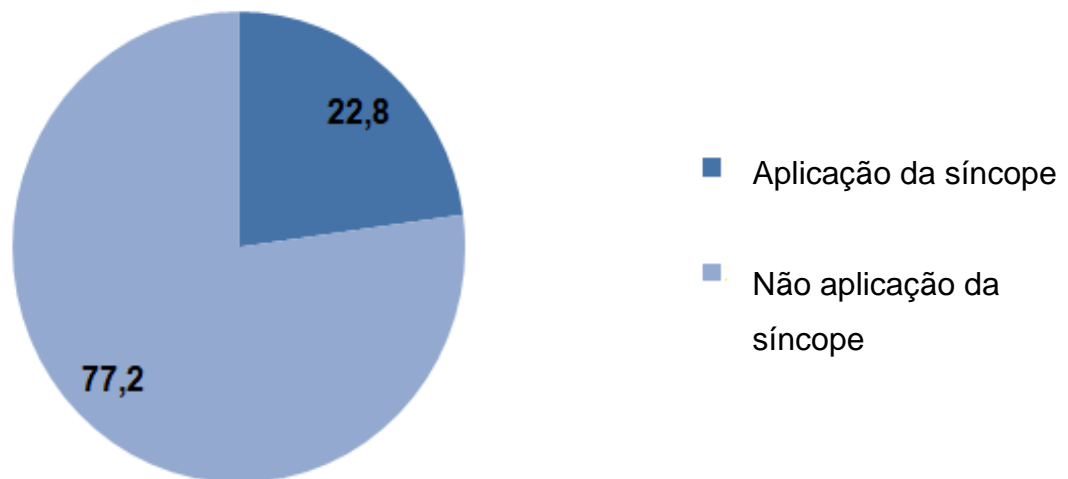
De acordo com Beline (2012, p. 132), os números gerados no programa estatístico “são valores que vão de zero a um e que indicam matematicamente o peso com que um fator (linguístico ou extralinguístico) influencia o uso de uma variante, em relação a todos os fatores levados em conta na observação de um fenômeno de variação linguística”. Nessa perspectiva, quando o peso relativo é mais próximo de zero, significa que o fator não favorece a aplicação do fenômeno estudado; quanto mais próximo de um, há uma indicação de que o fator favorece a aplicação do fenômeno estudado; e se o peso estiver no meio, entre zero e um (ou seja, 0.5), mostra que está no ponto neutro e não se pode afirmar se o fator favorece ou não a aplicação do fenômeno.

4 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados das rodadas dos dados no programa estatístico Goldvarb X. Os resultados desta pesquisa serão comparados com os resultados de outros trabalhos que foram usados como aporte teórico desta pesquisa.

Conforme o resultado gerado pelo Goldvarb X, a síncope nas proparoxítonas ocorreu 22,8% nos dados e encontramos 77,2% de não aplicação do fenômeno estudado. O gráfico a seguir mostra a porcentagem de aplicação e não aplicação da síncope nas proparoxítonas nas comunidades analisadas.

Gráfico 01: Resultado geral da aplicação da síncope nas proparoxítonas



É importante salientar que, na primeira rodada dos dados no programa estatístico Goldvarb X, observamos que alguns fatores geraram nocautes, sendo assim excluídos da rodada. O grupo de fatores *frequência lexical*, por exemplo, foi excluído da rodada porque a maioria dos seus fatores geraram nocautes, ou seja, em alguns de seus fatores havia 0% de aplicação da síncope, por exemplo, nas palavras *rápido*, *médico*, *ônibus*, *quilômetro*, *máquina*, *grávida*, *política* e outras. Já nas palavras *abóbora* e *árvore* encontramos 100% de aplicação da síncope da vogal postônica.

O fator *palatal*, do grupo de fatores *contexto fonológico precedente à vogal postônica*, também foi excluído por apresentar 0% de aplicação da síncope da vogal postônica, gerando nocaute. Então, para a primeira rodada, foram retirados da análise os seguintes fatores:

- Contexto fonológico precedente à vogal postônica:
 - Palatal (página).
- Frequência lexical:
 - Abóbora
 - Álcool
 - Árvore
 - Córrego
 - Estômago
 - Época
 - Grávida
 - Máquina
 - Médico
 - Música
 - Ônibus
 - Política
 - Quilômetro
 - Rápido
 - Sábado
 - Outros

4.1 PRIMEIRA RODADA

Na primeira rodada, após a retirada dos dados que geraram nocautes, o programa selecionou como relevantes para aplicação do processo de síncope nas proparoxítonas os seguintes grupos: *contexto fonológico seguinte à vogal postônica*, *traço de articulação da vogal postônica*, *comunidade*, *contexto fonológico precedente à vogal postônica*, *estrutura da sílaba tônica* e *escolaridade*. Observaremos os resultados conforme a ordem de seleção do programa.

4.1.1 Contexto fonológico seguinte à vogal postônica

O contexto fonológico seguinte à vogal postônica foi o primeiro grupo selecionado pelo programa, indicando que a *líquida vibrante* e a *líquida lateral* favorecem mais a realização da síncope, com pesos relativos de 0.996 e 0.990, respectivamente. Já as consoantes não líquidas apresentaram um peso relativo de 0.377, mostrando não favorecer a realização do fenômeno estudado. Esses resultados são mostrados na tabela a seguir.

Tabela 01: Contexto fonológico seguinte à vogal postônica

Fatores	Aplicação/total	%	Peso relativo
Líquida vibrante (chácara)	48/54	88.9	0.996
Líquida lateral (óculos)	11/18	61.1	0.990
Não líquida (córrego)	127/744	17.1	0.377
Total	186/816	22.8	

Input: 0.140

Significância: 0.021

Diante do resultado apresentado, a primeira hipótese deste trabalho foi confirmada, pois os contextos fonológicos seguintes à vogal postônica líquida lateral e líquida vibrante favoreceram a realização da síncope nas proparoxítonas, corroborando com os resultados dos trabalhos de Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008)⁷, Santana (2008), Ramos (2009) e Chaves (2011).

Observa-se, a seguir, um quadro comparativo com os resultados dessa variável neste trabalho e em outros.

Quadro10: Comparação dos resultados para a variável contexto fonológico seguinte

Trabalhos	Resultado para variável contexto fonológico seguinte (fatores favorecedores)
Presente pesquisa	líquida vibrante e líquida lateral
Silva (2006)	líquida vibrante e líquida lateral
Lima (2008)	líquida vibrante
Amaral (1999)	líquida vibrante e líquida lateral

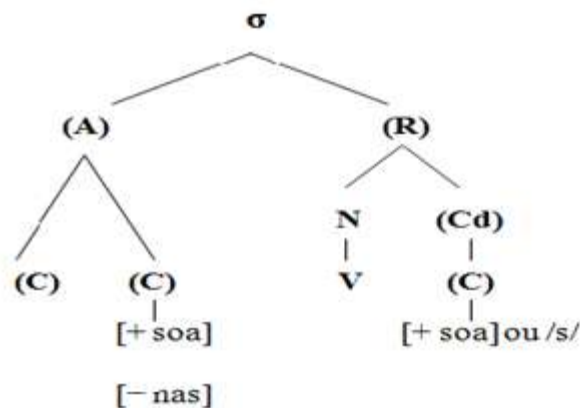
⁷ Em Lima (2008), a líquida lateral não favoreceu o processo de síncope, apenas a líquida vibrante.

Santana (2008)	líquida vibrante e líquida lateral
Ramos (2009)	líquida vibrante e líquida lateral
Chaves (2011)	líquida vibrante e líquida lateral

As líquidas laterais e vibrantes já se mostravam ser um contexto favorecedor da síncope nas proparoxítonas no latim vulgar, como na palavra *speculum*, forma sincopada da palavra *speculum* do latim clássico. Coutinho (1976, p. 107) afirma que a síncope da vogal postônica ocorre com frequência, no latim vulgar, quando precedida por uma consoante qualquer e seguida por uma consoante lateral ou vibrante (*másculus* > *másclus*; *áltera* > *áltra*; *sácerus*, *sócrus*).

Relacionando esses resultados com a teoria métrica da sílaba, vimos que a composição da sílaba deve conter os seguintes segmentos:

(26)



(BISOL, 2013, p. 23)

Essa composição de segmentos é respeitada quando há a queda da vogal postônica e o contexto seguinte é uma líquida lateral ou vibrante, pois estas possuem o traço mais soante, podendo assim preencher a segunda posição do ataque complexo e respeitando assim o molde silábico do português.

As consoantes líquidas são formadoras de ataques silábicos complexos bem formados e respeitam as condições universais e específicas da língua, como a condição de sequência de sonoridade que defende que o elemento mais sonoro é o núcleo e é precedido/seguido por elementos de grau de sonoridade crescente/decrescente, seguindo os seguintes valores: vogal (3) > líquida (2) > nasal (1) > obstruinte (0). Na palavra *óculos* (forma sincopada de *óculos*), temos na sílaba reestruturada (*culos*) os seguintes valores conforme a escala da sonoridade:

0>2>3>0. Em *masgra* (*máscara*) também observamos a sequência sonora adequada conforme a escala da sonoridade na sílaba reestruturada (*cra*), pois temos os seguintes valores: 0>2>3.

Já as consoantes não líquidas no contexto seguinte à vogal postônica não formaria uma boa reestruturação silábica, pois não obedeceriam as condições de formação da sílaba no português, por exemplo, a palavra *rápido* não sofre o processo de síncope apenas na vogal postônica, pois se ocorresse a palavra ficaria **rápdo*, infringindo as regras de boa formação silábica. Se o ataque da sílaba postônica, após a queda da vogal, preencher a coda da sílaba, como em **rap.do*, haverá uma violação da condição específica de formação de coda no português, que indica apenas os segmentos /r/, /l/, /N/ e /s/ para essa posição. Já, se o elemento se ramificar ao ataque da sílaba seguinte, como em **rá.pdo*, violará as condições paramétricas de formação do ataque complexo no português, e pelo fato de ficarem duas obstruintes juntas não respeitaria também a sequência da escala da sonoridade em direção ao núcleo (vogal), uma condição universal, ficando com a sequência 0>0>3, gerando um platô (dois elementos com a mesma sonoridade), e isso não é permitido na língua. Na palavra *sintético*, pode ocorrer a síncope caso haja a queda da vogal postônica juntamente com a consoante da sílaba seguinte, como em *sintético* > *sin--té-tØ-Øo* = *sinteto* (variante atestada nos dados); nesse caso a reestruturação é aceita conforme as regras da língua, e a consoante que não poderia ocupar nenhuma posição silábica é também apagada.

4.1.2 Traço de articulação da vogal postônica

O segundo grupo selecionado foi o traço de articulação da vogal postônica, mostrando que o fator *coronal* foi o que mais favoreceu a realização da síncope, com peso relativo de 0.938, e os fatores *dorsal* e *labial* apresentaram pesos de 0.440 e 0.245, respectivamente, mostrando não favorecer a regra. A tabela seguinte mostra os resultados.

Tabela 02: Traço de articulação da vogal postônica

Fatores	Aplicação/total	%	Peso relativo
Coronal (matemática)	68/108	63	0.938
Dorsal (chácara)	76/570	13,3	0.440
Labial (óculos)	42/138	30,4	0.245
Total	186/816	22.8	

Input: 0.140

Significância: 0.021

Ao observarmos esses resultados, percebemos que a porcentagem e o peso relativo não seguem a mesma ordem, ou seja, há um enviesamento, pois o fator *labial* foi o que menos favoreceu a realização da síncope, mas está apresentando uma porcentagem de 30,4%, ou seja, maior do que o fator dorsal que apresentou um peso relativo de 0.440. Devido a essa situação, fizemos um cruzamento entre o primeiro grupo selecionando, contexto fonológico seguinte à vogal postônica, e o segundo grupo selecionado, traço de articulação da vogal postônica. Observaremos o cruzamento a seguir.

Tabela 03: Cruzamento entre as variáveis contexto fonológico seguinte à vogal postônica e traço de articulação da vogal postônica

Traço de articulação da vogal postônica	Contexto fonológico seguinte à vogal postônica					
	Não líquida		Líquida vibrante		Líquida lateral	
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%
Dorsal	64/556	12	11/13	85	1/1	100
Labial	2/91	2	30/30	100	10/17	59
Coronal	61/97	63	7/11	64	0/0	--

Após o cruzamento entre os dois grupos de fatores, observamos que há células vazias, ou seja, não há dados que contenham uma vogal postônica coronal (i,e) diante do contexto seguinte líquida lateral. Diante disso, decidimos fazer uma nova rodada sem o grupo contexto fonológico seguinte à vogal postônica, pois, em

uma análise detalhada na rodada, este mostra influenciar o resultado de outros grupos de fatores. Podemos observar essa influência do grupo contexto fonológico seguinte nos pesos relativos de outros grupos na descrição a seguir.

No nível um da rodada, o contexto fonológico precedente obteve os seguintes pesos relativos:

- a) o contexto fonológico precedente labial 0.681;
- b) o contexto fonológico precedente velar 0.466; e
- c) o contexto fonológico precedente alveolar 0.406.

Com a entrada do grupo contexto fonológico seguinte à vogal, esses valores mudaram para:

- a) o contexto fonológico precedente labial 0.716;
- b) o contexto fonológico precedente alveolar 0.495; e
- c) contexto fonológico precedente velar 0.051.

Observamos que além da mudança do peso relativo, houve uma alteração na ordem do resultado, pois o contexto fonológico precedente velar, que ficava na segunda posição com relação aos pesos relativos dos demais fatores, passa a ser o terceiro colocado.

Essa alteração pode ser vista também quando o contexto fonológico seguinte entra na rodada junto com o traço de articulação da vogal. No nível um, o traço de articulação apresenta a ordem:

- a) vogal coronal 0.872;
- b) vogal labial 0.656;
- c) vogal dorsal 0.373.

Com a entrada do grupo de fatores contexto fonológico seguinte, esses valores são alterados para:

- a) vogal coronal 0.908;
- b) vogal dorsal 0.459;
- c) vogal labial 0.248.

Observamos que a vogal labial muda muito, pois passa de 0.656 a 0.248, e vogal dorsal, que tinha o peso relativo de 0.373, passa a 0.459.

Após detectar essa influência em alterar alguns resultados, retiramos o contexto fonológico seguinte e fizemos uma nova rodada que será apresentada a seguir.

4.2 SEGUNDA RODADA

Nesta rodada o grupo de fatores *contexto fonológico seguinte à vogal postônica* foi excluído. Os grupos selecionados pelo programa foram: traço de articulação da vogal postônica, comunidade, contexto fonológico precedente, estrutura da sílaba tônica e escolaridade.

4.2.1 Traço de articulação da vogal postônica

O resultado dessa rodada mostrou que a vogal coronal continua favorecendo a regra, com o peso relativo de 0.915, a vogal labial também mostrou favorecer a aplicação do processo, com peso relativo de 0.676, e a vogal dorsal, com peso de 0.348, parece não favorecer a realização da síncope nas proparoxítonas. Observamos que as porcentagens ficaram organizadas e condizentes com a aplicação do peso relativo após a retirada do grupo contexto fonológico seguinte à vogal postônica. A tabela a seguir mostra os resultados.

Tabela 04: Traço de articulação da vogal postônica

Fatores	Aplicação/total	%	Peso relativo
Coronal (matemática)	68/108	63	0.915
Labial (óculos)	42/138	30.4	0.676
Dorsal (chácara)	76/570	13.3	0.348
Total	186/816	22.8	

Input: 0.185

Significância: 0.046

A hipótese para esta variável linguística, considerando os resultados de outros trabalhos, é que os traços de articulação da vogal labial e dorsal seriam os que mais favoreceriam a síncope nas proparoxítonas, conforme Ramos (2009) e Chaves (2011). No resultado apresentado, só foi confirmado o traço da vogal labial

como favorecedor à síncope, já o traço dorsal, nos dados deste trabalho, mostrou não favorecer o fenômeno estudado. Amaral (1999) e Lima (2008) obtiveram também resultados semelhantes, nos quais as vogais labiais foram as que mais favoreceram a síncope nas proparoxítonas.

Observa-se a seguir um quadro comparativo com os resultados desta variável neste trabalho e em outros.

Quadro11: Comparação dos resultados para a variável traço de articulação da vogal postônica

Trabalhos	Resultado para variável traço de articulação da vogal postônica (fatores favorecedores)
Presente pesquisa	coronal e labial
Silva (2006)	coronal
Lima (2008)	labial
Amaral (1999)	labial
Santana (2008)	Não selecionou a variável
Ramos (2009)	dorsal e labial
Chaves (2011)	dorsal e labial

As vogais coronais foram as que mais favoreceram o processo de síncope nesta pesquisa, assim como no trabalho de Silva (2006). Como vemos, esse resultado está distinto de outros. Amaral (1999) informa que as vogais coronais são as mais resistentes à síncope. Lemle (1978, p. 66) atribui a essa vogal a propensão de palavras proparoxítonas que não se reduzem, considerando-a mais resistente à queda (*político, cólica, pacífico*).

Esse resultado não era esperado devido ao fato de mostrar o contrário dos resultados da maioria dos outros trabalhos, mas ao analisar os dados desta pesquisa que contêm a vogal coronal na sílaba postônica não-final, observamos que nesses dados há contextos propícios à reestruturação, como *música, física, córrego, véspera*, e outros contextos que também podem sofrer uma reestruturação silábica, perdendo outro segmento além da vogal postônica, a fim de seguir condições específicas do português, como nas seguintes palavras: *dívida, úlcera, dúvida, semiárido*.

Em *dívida*, por exemplo, com o processo de síncope, ficou *diva*, sendo elidida a vogal coronal da sílaba postônica não-final e o ataque da última sílaba, havendo assim uma ressilabação com o ataque da sílaba postônica não-final e o

núcleo da sílaba final, formando uma sílaba aceita no português (va). A representação a seguir mostra como ocorreu o processo:

- **dívida** > dí-vi-da > dí-v∅-∅a > di-va = **diva**

Em *úlcer*a, *dúvida*, *semiárido*, o processo é semelhante ao da palavra *dívida*, sendo representado a seguir:

- **dúvida** > dú-vi-da > dú-v∅-∅a > du-va = **duva**
- **úlcera > ul-ce-ra > ul- c∅ -∅a > ul-ça = **ulça****
- **semiárido** > se-mi-á-ri-do > se-mi-á-r∅-∅o > se-mi-á-ro = **semiáro**

Na palavra *música*, o processo ocorre de forma diferente, mas mostra uma ressilabação silábica aceita no português. A vogal postônica coronal é elidida e seu ataque preenche a coda da sílaba tônica, respeitando as regras de formação da coda na língua. Assim também acontece em *física* e *córrego*. As representações desse processo nesses dados são:

- **música** > mú-si-ca > mú-s∅-ca > mus-ca = **musca** ~ **musga**
- **física** > fí-si-ca > fí-s∅-ca > fis-ca = **fisca** ~ **fisga**
- **córrego** > có-re-go > có-r∅-go > cor-go = **corgo**

Já em *véspera*, a vogal postônica sofre a síncope e o segmento que formava o seu ataque se ramifica ao ataque da sílaba seguinte, formando um ataque complexo aceito no português, como mostra a representação a seguir:

- **véspera** > vés-pe-ra > vés-p∅-ra > vés-pra = **vespra**

Além da questão dos contextos propícios à aplicação do fenômeno, pode-se observar também, conforme quadro a seguir, que há uma grande quantidade de palavras com vogal coronal na sílaba postônica, mais especificamente 560 ocorrências de um total de 816 dados. Isso possivelmente pode ter alguma relação com a indicação das coronais como mais favoráveis à síncope.

Quadro12: Quantificação das palavras com vogal postônica coronal

Quantificação das palavras com vogal postônica coronal									
Palavra	Quantidade	Palavra	Quantidade	Palavra	Quantidade	Palavra	Quantidade	Palavra	Quantidade
África	2	Doméstica	2	Lógico	1	Péssimo	3	Teófilo	1
Analítico	2	Dúvida	4	Magmática	1	Política	22	Tímida	1
Angélica	2	Econômica	2	Máquina	25	Político	3	Tóxico	1
Antibiótico	2	Empréstimo	6	Matemática	4	Prática	4	Trânsito	2
Artística	1	Espírito	8	Máximo	4	Prático	2	Úlcera	7
Básica	1	Evangélica	2	Médica	6	Próxima	6	Última	8
Católica	4	Exército	2	Médico	127	Próximo	5	Último	2
Católico	8	Fábrica	7	Mérito	1	Público	3	Único	5
Cínico	1	Fanático	4	Mínimo	4	Quilômetro	15	Vápit	1
Clínica	1	Farmacêutica	1	Música	37	Rápido	17	Véspera	4
Cólica	1	Física	2	Ônibus	86	Salabatético	1	Vúpiti	1
Córrego	14	Grávida	10	Ótima	7	Semiárido	5		
Crédito	1	Lágrima	1	Ótimo	9	Sétima	3		
Depósito	2	Legítima	1	Parabólica	1	Sintético	2		
Diógenes	3	Líquido	1	Paralítica	1	Técnico	1		
Dívida	8	Doméstica	2	Paralítico	8	Tectônica	5		
Total de palavras com vogal postônica coronal: 560									

Após analisar mais detalhadamente os dados coletados e quantificados, podemos concluir que, nos nossos dados, a vogal coronal foi a que mais apareceu nas ocorrências de proparoxítonas encontradas, totalizando 68% dos casos. Além disso, a vogal coronal parece favorecer o processo de síncope, pois esta está inserida em contextos favoráveis a uma reestruturação silábica ou em contextos em que o falante opta por apagar também a consoante que fica desassociada, respeitando as condições universais e específicas do português.

4.2.2 Comunidade

Nesta segunda rodada, o grupo de fatores *comunidade* foi selecionado como segundo favorecedor à síncope nas proparoxítonas.

Tabela 05: Comunidade

Fatores	Aplicação/total	%	Peso relativo
Cinzento	84/260	32.3	0.664
Helvécia	52/272	19.1	0.462
Sapé	27/131	20.6	0.401
Rio de Contas	23/153	15	0.368
Total	186/816	22.8	

Input: 0.185

Significância: 0.046

A comunidade de Cinzento foi a que indicou ter mais realização de síncope nas proparoxítonas, com o peso relativo de 0.664. Já as comunidades de Helvécia, Sapé e Rio de Contas mostraram que não há muita aplicação do processo de síncope nas proparoxítonas, com os pesos relativos de 0.462, 0.401 e 0.368, respectivamente.

Acreditávamos que a comunidade de Helvécia seria a comunidade na qual haveria mais realização da síncope nas proparoxítonas, pois esta está localizada geograficamente mais distante da capital do estado, ou seja, é mais isolada de áreas urbanas, e, conforme Lima (2008), Santana (2008) e outros, a síncope nas proparoxítonas pode estar associada mais ao contexto de fala da zona rural do que da zona urbana.

Há um enviesamento entre as comunidades de Helvécia e Sapé, o que pode ser influenciado por alguns informantes. Diante do enviesamento apresentado na tabela acima, na qual há discrepância entre porcentagem e peso relativo, ou seja, as porcentagens não seguem a mesma ordem do resultado dos pesos relativos, foi realizado um cruzamento entre as variáveis comunidade e escolaridade, pois foram as únicas variáveis sociais selecionadas pelo programa.

Tabela 06: Cruzamento entre as variáveis comunidade e escolaridade

Comunidade	Escolaridade			
	Analfabeto		Semianalfabeto	
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%
Cinzento (0.664)	23/43	53	61/217	28
Helvécia (0.462)	30/148	20	22/124	18
Sapé (0.401)	17/68	25	10/63	16
Rio de Contas (0.368)	9/31	29	14/122	11

Os falantes analfabetos de Cinzento aplicam mais a síncope nas proparoxítonas do que nas outras comunidades, fazendo com que o peso relativo da comunidade suba e demonstre um favorecimento. Já os falantes semianalfabetos de Rio de Contas aplicam menos e fazem com que a porcentagem e o peso relativo fiquem abaixo das outras comunidades.

Os informantes analfabetos de Helvécia (20%) aplicam menos a síncope do que os informantes de Sapé (25%), uma diferença de 5% de aplicação a mais em Sapé. Os semianalfabetos de Helvécia aplicam 18% a síncope, já os de Sapé aplicam 16%, uma diferença de 2% mais de aplicação em Helvécia. A quantidade de informantes nessas comunidades pode estar influenciando o enviesamento dos dados, isso será melhor analisado em futuros trabalhos.

Em uma rodada inserindo os informantes das comunidades, foi observado que, em Cinzento, o informante 3 (homem, faixa etária I, semianalfabeto, que já morou fora da comunidade) não aplicou a síncope em seus dados. Já a informante 9 (mulher, faixa etária III, analfabeta, que nunca morou fora da comunidade) aplicou a síncope em 100% dos dados.

Helvécia ficou com uma média de aplicação de 19.1%, mas a informante 9 (mulher, faixa etária III, analfabeta, que nunca morou fora da comunidade) mostra aplicar 60% da síncope nas proparoxítonas, uma porcentagem bem significativa; já o informante 11 (homem, faixa etária III, analfabeto, que já morou fora da comunidade) não aplica a síncope.

Sapé ficou com uma média de 20.6%, mas dois informantes não aplicaram a síncope: o informante 4 (homem, faixa etária I, analfabeto, que nunca morou fora da comunidade) e a informante 9 (mulher, faixa etária III, analfabeta, que nunca morou fora da comunidade). Há dois informantes em Sapé que mostraram aplicar de forma significativa a síncope: a informante 7 (mulher, faixa etária II, analfabeta, que nunca morou fora da comunidade), com 50% de aplicação da síncope; e o informante 8 (homem, faixa etária II, analfabeto, que nunca saiu da comunidade), com 75% de aplicação da síncope.

Em Rio de Contas, alguns informantes não aplicaram a síncope nas proparoxítonas. Os informantes que tiveram 100% de não-aplicação da síncope foram: i) a informante 1: mulher, da faixa etária I, analfabeta, que já morou fora da comunidade; ii) o informante 5: homem, da faixa etária II, analfabeto, que já morou fora da comunidade; iii) a informante 10: mulher, faixa etária III, analfabeta, que nunca morou fora da comunidade; iv) a informante 11: mulher, faixa etária III, analfabeta, que nunca morou fora da comunidade; e v) o informante 12: homem, faixa etária III, semianalfabeto, que já morou fora da comunidade. Observa-se que, em Rio de Contas, houve muitos informantes que não realizaram a síncope nas palavras proparoxítonas nos dados analisados.

É importante salientar que ainda não encontramos respostas satisfatórias para esse comportamento; por esse motivo, esses dados serão analisados mais detalhadamente em trabalhos futuros.

4.2.3 Contexto fonológico precedente à vogal postônica

Nesta variável foi retirado o fator palatal (mágica) devido ao fato de ele não apresentar nenhum dado com aplicação da síncope na vogal postônica, ou seja, gerou nocaute na rodada com zero de aplicação.

O contexto fonológico precedente alveolar apresentou o peso relativo de 0.563, mas a sua porcentagem com relação aos outros fatores foi a menor. Os fatores labial e velar demonstraram não favorecer a síncope, com pesos de 0.472 e 0.234, respectivamente. A tabela a seguir mostra os resultados.

Tabela 07: Contexto fonológico precedente e à vogal postônica

Fatores	Aplicação/total	%	Peso relativo
Alveolar (módulo)	74/476	15,5	0.563
Labial (abóbora)	98/253	38,7	0.472
Velar (máscara)	14/77	18,2	0.234
Total	186/806	23.1	

Input: 0.185**Significância:** 0.046

Esse resultado mostra que há um enviesamento, ou seja, a porcentagem e o peso relativo não estão seguindo a mesma ordem; por esse motivo, fizemos uma nova rodada sem o grupo de fator *traço de articulação da vogal postônica*, para vermos se este poderia estar influenciando no resultado e estar causando o enviesamento nos dados. Após essa nova rodada, obtivemos os seguintes resultados, conforme a tabela.

Tabela 08: Contexto fonológico precedente à vogal postônica

Fatores	Aplicação/total	%	Peso relativo
Labial (abóbora)	98/253	38.7	0.693
Velar (máscara)	14/77	18.2	0.425
Alveolar (módulo)	74/476	15.5	0.405
Total	186/806	23.1	

Input: 0.203**Significância:** 0.005

O novo resultado mostra que o contexto fonológico precedente à vogal que mais favorece o processo da queda da vogal postônica é o da consoante labial, com peso relativo 0.693. Os contextos fonológicos precedentes velar e alveolar parecem não favorecer a aplicação do processo de síncope, com pesos de 0.425 e 0.405, respectivamente.

A hipótese para essa variável linguística era de que os contextos fonológicos precedentes velar e labial favoreceriam a síncope nas proparoxítonas, conforme os trabalhos de Amaral (1999), Lima (2008⁸) e Chaves (2011); com isso, só podemos confirmar parcialmente esta hipótese, pois o contexto precedente velar não apresentou favorecimento na aplicação da síncope nas proparoxítonas dos dados analisados, e o contexto labial foi o mais favorecedor ao processo.

⁸Em Lima (2008) apenas as velares favoreceram o processo de síncope nas proparoxítonas.

Observa-se, a seguir, um quadro comparativo com os resultados desta variável neste trabalho e em outros.

Quadro 13: Comparação dos resultados para a variável contexto fonológico precedente à vogal postônica

Trabalhos	Resultado para variável contexto fonológico precedente à vogal postônica (fatores favorecedores)
Presente pesquisa	labial
Silva (2006)	fricativa
Lima (2008)	velar
Amaral (1999)	velar ou labial
Santana (2008)	sibilante
Ramos (2009)	sibilante mais contínuo
Chaves (2011)	velar ou labial

O resultado obtido nesta pesquisa, apresentado na tabela acima, condiz com o trabalho de Coutinho (1976, p. 107), que informa que a queda da vogal postônica não-final era observada no latim vulgar de forma mais expressiva quando a vogal fosse precedida por uma consoante labial e seguida por uma consoante de outra espécie (*dóminos* > *dómnus*; *lámina* > *lámna*).

Nessa nova rodada, foi observado que além de resolver o enviesamento no resultado da variável linguística contexto fonológico precedente à vogal postônica, os grupos de fatores selecionados pelo programa foram os mesmos da rodada anterior, sem o traço de articulação da vogal. Logo, o input e número de significância das próximas tabelas permaneceram os mesmos da rodada anterior, mudando apenas do resultado do contexto fonológico precedente, pois neste houve mudança de ordem dos resultados dos fatores.

4.2.4 Estrutura da sílaba tônica

A sílaba tônica pesada, ou seja, com coda silábica, apresentou um peso relativo de 0.711, favorecendo a síncope nas proparoxítonas. Já a sílaba leve, sem coda silábica, mostrou não favorecer a síncope, com o peso relativo de 0.476.

Tabela 09: Estrutura da sílaba tônica

Fatores	Aplicação/total	%	Peso relativo
Sílaba pesada (<i>árvore</i>)	28/79	35,4	0.711
Sílaba leve (<i>chácara</i>)	158/737	21,4	0.476
Total	186/816	22.8	

Input: 0.185

Significância: 0.046

A hipótese para esta variável linguística era de que a síncope nas proparoxítonas tende a ser realizada mais após uma sílaba pesada, conforme os resultados de Silva (2006) e Lima (2008). Essa hipótese foi confirmada, pois os resultados deste trabalho mostraram que a síncope ocorre mais diante de sílabas pesadas do que das sílabas leves.

Observa-se, a seguir, um quadro comparativo com os resultados desta variável neste trabalho e em outros.

Quadro14: Comparação dos resultados para a variável estrutura da sílaba tônica

Trabalhos	Resultado para variável estrutura da sílaba tônica (fatores favorecedores)
Presente pesquisa	Sílaba pesada
Silva (2006)	Sílaba pesada
Lima (2008)	Sílaba pesada
Amaral (1999)	Sílaba leve
Santana (2008)	Não selecionou a variável
Ramos (2009)	Não selecionou a variável
Chaves (2011)	Não selecionou a variável

Os resultados desta variável linguística, assim como em Silva (2006) e Lima (2008), indicam que palavras como *fósforo*, *máscara*, *árvore*, *relâmpago* tendem a sofrer a queda da vogal postônica, gerando as formas sincopadas *fosfro*, *mascra*, *arvre*, *relampo*.

Essa formação obedece as regras específicas da formação silábica no português; em *fosfro*, *mascra*, *arvre*, temos a segunda sílaba com um ataque complexo bem formado, pois segue a regra da composição silábica da língua que indica que o ataque complexo pode ser formado por uma consoante qualquer seguido de uma soante (não nasal), principalmente quando se tem líquidas, e

nesses exemplos há líquida vibrante /r/; como já mencionado, as líquidas tendem a formar ataques complexos bem formados no português, visto que são os únicos segmentos que podem ocupar a segunda posição do ataque complexo.

Em *relampo* temos a formação de um novo ataque com a consoante /p/, que perdeu o seu núcleo /a/ (*relâmpago*) e se liga à vogal /o/, que perdeu o seu ataque /g/, havendo assim uma ressilabação aceita na língua portuguesa.

4.2.5 Escolaridade

A variável social escolaridade só foi selecionada na segunda rodada, mostrando que os informantes analfabetos realizam mais a síncope nas proparoxítonas do que os semianalfabetos. O fator analfabeto apresentou o peso relativo de 0.570 e o semianalfabeto 0.461.

Tabela 10: Escolaridade

Fatores	Aplicação/total	%	Peso relativo
Analfabeto	79/290	27,2	0.570
Semianalfabeto	107/526	20,3	0.461
Total	186/816	22.8	

Input: 0.185

Significância: 0.046

A hipótese estipulada para esta variável extralinguística era de que quanto menor o grau de escolaridade maior seria a produção da síncope nas proparoxítonas, baseada nos trabalhos de Amaral (1999), Lima (2008), Santana (2008) e Silva (2006).

Essa hipótese foi confirmada, pois os informantes analfabetos (que não frequentaram a escola) favoreceram mais o processo de síncope nas proparoxítonas do que os informantes semianalfabetos (que tiveram pelo menos 4 anos de contato com a escola).

Observa-se, a seguir, um quadro comparativo com os resultados desta variável neste trabalho e em outros.

Quadro 15: Comparação dos resultados para a variável escolaridade

Trabalhos	Resultado para variável escolaridade (fatores favorecedores)
Presente pesquisa	menor nível de escolaridade (analfabeto)
Silva (2006)	menor nível de escolaridade
Lima (2008)	menor nível de escolaridade
Amaral (1999)	menor nível de escolaridade
Santana (2008)	menor nível de escolaridade (analfabeto)
Ramos (2009)	Não selecionou a variável
Chaves (2011)	Não selecionou a variável

Diante do resultado apresentado, observamos que o fator escolaridade é relevante no estudo da síncope nas proparoxítonas, pois a escola influencia na produção da língua, podendo certas variações em prol de uma forma padrão.

Concluimos que a realização da síncope nas proparoxítonas nas comunidades afro-brasileiras ocorreu em uma porcentagem de 22,8% nos dados, e foi favorecida por alguns contextos linguísticos e extralinguísticos como mostra o quadro a seguir sobre o resultado geral.

Quadro 16: Resultado geral da síncope nas proparoxítonas

Resultado geral da síncope nas proparoxítonas nas comunidades rurais afro-brasileiras	
Aplicação: 22,8 %	Não aplicação: 77,2 %
Variáveis linguísticas que favoreceram a realização da síncope nas proparoxítonas	
Contexto fonológico seguinte à vogal postônica	Líquida vibrante (chácara)
	Líquida lateral (óculos)
Traço de articulação da vogal postônica	Coronal (matemática)
	Labial (óculos)
Contexto fonológico precedente à vogal postônica	Labial (abóbora)
Estrutura da sílaba tônica	Sílaba pesada (árvore)
Variáveis extralinguísticas que favoreceram a realização da síncope nas proparoxítonas	
Comunidade	Cinzento
Escolaridade	Analfabeto

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar a síncope nas palavras proparoxítonas nas comunidades rurais afro-brasileiras do estado da Bahia, Cinzento, Helvécia, Rio de Contas e Sapé, nos dados do Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia, ampliando a descrição do português no nível fônico da língua e identificando os fatores linguísticos e extralinguísticos que parecem favorecer a realização da síncope nas proparoxítonas, bem como relacionar os resultados aqui encontrados com os de outros trabalhos que possuem o mesmo objeto de estudo.

Alcançando tal proposta, podemos observar que a síncope nas proparoxítonas foi realizada em um percentual de 22,8% nos dados das comunidades afro-brasileiras do estado da Bahia e foi favorecida nos seguintes contextos linguísticos específicos: no contexto fonológico seguinte à vogal postônica líquida vibrante, como em *chácara*, e líquida lateral, como em *óculos*; quando o traço de articulação da vogal postônica for coronal, por exemplo, *física*, e labial, como em *matrícula*; no contexto fonológico precedente à vogal postônica labial, como no exemplo *abóbora*; e quando a estrutura da sílaba tônica possui coda, ou seja, no contexto de sílaba pesada, como em *árvore*.

Já em relação aos contextos sociais, as variáveis extralinguísticas selecionadas como as que mais favorecem o processo de síncope nas proparoxítonas foram as seguintes: comunidade, indicando que ocorre mais a síncope nas proparoxítonas em Cinzento do que nas demais comunidades; e escolaridade, apresentando que os informantes analfabetos foram os que mais realizaram o fenômeno estudado.

Considerando as hipóteses iniciais desta pesquisa, diante dos nossos resultados, confirmamos algumas e outras não foram confirmadas. A hipótese que indicava que os contextos fonológicos seguintes líquida lateral e líquida vibrante favoreceriam a realização da síncope nas proparoxítonas foi confirmada em nossos resultados, mostrando que estes contribuem para boas formações de ataques complexos no português.

A hipótese sobre a estrutura silábica previa que a sílaba pesada seria mais favorecedora na aplicação do processo de síncope nas proparoxítonas do que as

sílabas leves. Essa hipótese foi confirmada, pois as palavras proparoxítonas que tinham as sílabas tônicas com coda foram as que mais sofreram a síncope.

Confirmamos a seguinte hipótese: quanto menor o grau de escolaridade maior será a produção da síncope nas proparoxítonas, pois nos nossos resultados os informantes analfabetos foram os que mais realizaram a síncope nas proparoxítonas.

Já a hipótese que defendia os contextos fonológicos precedentes velar e labial como mais favorecedores à síncope nas proparoxítonas foi confirmada parcialmente, pois apenas o contexto fonológico precedente labial mostrou ser favorecedor à síncope.

Outra hipótese que foi confirmada apenas parcialmente foi a que indicava que os traços de articulação da vogal postônica labial e dorsal seriam os que mais favoreceriam a síncope nas proparoxítonas. Nesse caso, as vogais labiais parecem favorecer, mas as dorsais não. O traço da vogal postônica coronal foi o que mais favoreceu a síncope, pois apresentou um peso relativo maior que os demais. Esse resultado pode ter alguma relação com os números de dados encontrados, pois em uma quantificação detalhada foram 560 dados dos 816 analisados que apresentaram uma vogal coronal na posição postônica.

A hipótese que indicava a comunidade de Helvécia como a comunidade na qual haveria mais realização da síncope nas proparoxítonas, pelo fato de ser mais distante da capital do estado, não foi confirmada, pois a comunidade de Cinzento foi selecionada como a que mais apresentou a realização de síncope nas proparoxítonas pelos seus falantes analisados nesta pesquisa. No resultado sobre a variável comunidade, houve um enviesamento no resultado de Helvécia e Sapé, este será resolvido em futuras análises de forma minuciosa e cuidadosa.

A hipótese que defendia que a palavra proparoxítona com mais de três sílabas seria a mais propícia à síncope da vogal postônica não pôde ser respondida, pois a variável extensão da palavra não foi selecionada pelo programa Goldvarb X. Outras hipóteses que também não puderam ser respondidas neste trabalho é a de que o sexo masculino utilizaria mais a variável não padrão/sincopada, pois a variável extralinguística sexo não foi selecionada pelo programa; e a que indicava a faixa etária III como quem mais realizaria a síncope nas palavras proparoxítonas também não pôde ser respondida, pois esta não foi selecionada pelo programa.

O fenômeno analisado mostrou ser mais realizado quando há na palavra proparoxítona um contexto seguinte à vogal postônica contíguo por líquidas (*currículo, árvore*), e quando o contexto precedente à vogal postônica for preenchido por uma consoante labial (*abóbora*).

O processo de síncope ocorreu mais em palavras proparoxítonas com a vogal postônica coronal, do que com outros tipos de vogais, mas, foi observado que, quando há a queda da vogal postônica coronal, geralmente, há também a queda da consoante seguinte à postônica, como em *dívida* que passa a *diva*. Isso foi observado na maioria das palavras que possui uma vogal coronal na posição postônica, lembrando que houve um grande número de palavras com esse contexto. A síncope ocorreu também quando o traço da vogal postônica era labial, como em *óculos, abóbora*, mas se observarmos o contexto seguinte à vogal postônica nesses casos são líquidas e estas já mostraram, na literatura e no resultado deste trabalho, que favorecem a síncope nas proparoxítonas. No exemplo *abóbora*, o contexto precedente à vogal postônica é uma labial, fator que também mostrou favorecer a síncope. Então, há um favorecimento tanto do traço de articulação da vogal postônica, quanto do contexto seguinte e precedente à vogal postônica.

Em sílaba pesada, a síncope ocorreu mais nos dados deste trabalho, mostrando que a ideia da quantidade de soância da sílaba pesada conservar a palavra proparoxítona, como defende Amaral (1999), não se aplica nos dados aqui analisados.

A síncope das proparoxítonas foi mais realizada na comunidade de Cinzento do que nas demais comunidades. Cinzento é uma comunidade que foi formada por afrodescendentes que fugiam da escravidão, sua formação é parecida com a formação das outras comunidades afro-brasileiras. Quanto à escolaridade, a síncope é mais realizada por informantes analfabetos, ou seja, que não frequentaram a escola. Em uma análise no cruzamento das variáveis escolaridade e comunidade foi observado que os informantes analfabetos e os semianalfabetos de Cinzento são os que mais realizam o processo de síncope, do que os falantes de outras comunidades.

Como já mencionado anteriormente, em relação ao banco de dados utilizado, quando ele foi elaborado, foi pensado para pesquisas na área da morfossintaxe e não tinha o objetivo de análise fonológica, por isso, este trabalho foi

desafiador, pois os áudios analisados não possuem uma excelente qualidade para um trabalho fonológico. Porém, diante dessa dificuldade, esta pesquisa foi feita com muito cuidado e atenção, principalmente, na etapa de audição dos dados.

Como as palavras proparoxítonas são as que formam o menor grupo no português, obtivemos poucos dados, e isso era esperado. Em futuros trabalhos, estes dados poderão ser utilizados e comparados com dados de outras comunidades, a fim de se observar o comportamento da síncope nas proparoxítonas.

Concluimos que a análise feita partindo da Sociolinguística Variacionista foi importante e necessária, pois mostrou que tanto os fatores linguísticos quanto os sociais parecem influenciar na escolha dos falantes em relação à variação das palavras proparoxítonas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4 ed. São Paulo: HUCITEC/INL, 1982 (1 ed. 1920).

AMARAL, M. P. do. *As Proparoxítonas: teoria e variação*. 1999. 215f. Tese (Doutorado em Linguística e Letras), Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

AMARAL, M. P. do. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. (Org.). *Fonologia e variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 99-126.

ARAÚJO, Gabriel Antunes de; GUIMARÃES-FILHO, Zwinglio; OLIVEIRA, Leonardo Couto de; VIARO, Mário Eduardo. *Algumas observações sobre as proparoxítonas e o sistema acentual do Português*. Cadernos de Estudos Linguísticos, v, 50, n. 1, p. 69-90, 2008.

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: CASTILHO, A.T. de; ABAURRE, M.B. *A construção fonológica da palavra: gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, p. 21-52, 2013.

BISOL, Leda. *O acento e o pé binário*. Letras de Hoje. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, v. 29, n. 98, p. 25-36, dez. 1994.

BELINE; Ronald. A variação linguística. In: FIORIN; José Luiz. *Introdução à linguística I. Objetos teóricos*. 2^o reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012. P. 121-140.

CAGLIARI, L. C. *Acento em Português*. Campinas: Edição do Autor, 1999.

CAIXETA, V. *Descrição e Análise da Redução das Palavras Proparoxítonas*. 1989. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. (Trad. de Marcos Marcionilo). São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, R. G. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHAVES, R. G. *A Redução de Proparoxítonas na Fala do Sul do Brasil*. 2011. 173 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística), Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

COLLISCHONN, G. A sílaba em Português. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro*. 5ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 99-114.

COLLISCHONN, G. *Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

COUTINHO, I. de L. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FARIA, E. *Fonética Histórica do Latim*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

FERREIRA, Carlota. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro. In: FERREIRA, Carlota et al. *Diversidade do português do Brasil*. 2ª ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994. p. 21-32.

FUDGE, E. Syllables. *Journal of Linguistics*, Cambridge, UK, n. 5, p. 254-287, 1969.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Disponível em:
<<http://www.palmares.gov.br/sites/mapa/crqs-estados/crqs-ba-04122018.pdf>>.
Acesso em: 28 de setembro de 2019.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALLE, Morris; VERGNAUD, Jean-Roger. *An Essay on Stress*. Cambridge: MIT Press, 1987.

HAYES, Bruce. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HOOPER, J. *An introduction to Natural Generative Phonology*. New York: Academic Press, 1976.99

ILARI, R. *Linguística Românica*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2007.

ITÔ, J. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Tese de Doutorado. University of Massachusetts, 1986.

KAHN, Daniel. *Syllable-based generalizations in English phonology*. Tese de Doutorado, MIT. 1976.

KIPARSKY, Paul. *Metrical structure assignment is cyclic*. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass., n. 10, p. 421-441, 1979.

LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York..* Washington, D.C., Center for Applied de Linguistique, 1966.

LABOV, William. *Principles of Linguistic change. Volume II: Social Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [*Padrões Sociolinguísticos*]. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEE, S-H. *Síncope, Brevis Brevians e Acento no Português Brasileiro*. Inédito, UFMG. 2004

LEE, S-H. Morfologia e Fonologia Lexical do Português. 1995. 190f Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1995.
 LEITE, Y. (1974). Portuguese Stress and Related Rules. Ph.D. thesis, University of Texas, 1974.

LEMLE, Miriam. *Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa*. Tempo Brasileiro, 53-54. Rio de Janeiro: Padrão. 1978.

LIMA, G de O. *O efeito da síncope em proparoxítonas: uma análise fonológica e variacionista*. 2008. 216f. Dissertação (Mestrado em estudos linguísticos), Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

LIBERMAN, Mark; PRINCE, Alan. *On stress and linguistic rhythm*. Linguistic Inquiry, n. 8, p. 249 – 336, 1977.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000). *D.E.L.T.A.*, v.17, n.1, 2001.

LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: A polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante et al. O português afro-brasileiro: as comunidades analisadas. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). *O Português afro brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 75-100.

LIMA, G de O. *O efeito da síncope em proparoxítonas: uma análise fonológica e variacionista*. 2008. 216f. Dissertação (Mestrado em estudos linguísticos), Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

MAGALHÃES, J.S. *O Plano Multidimensional do Acento na Teoria da Otimidade*. Tese (doutorado) - PUCRS . Porto Alegre, 2004.

MARROQUIM, Mário A. *A língua do nordeste: Alagoas e Pernambuco*. Curitiba: HD livros, 1996.

MATEUS, M. H. Fonologia. In: FARIA, I. et alii (Eds.) *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996.

MOLLICA, M. C. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

NUNES, José J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa – fonética e morfologia*. 7ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1969.

PIKE, K.; PIKE, E. Immediate constituents of Mazateco syllables. *International Journal of Applied Linguistics*, n. 13, p. 78-91, 1947.

PRINCE, Alan. S. *Relating to the grid*. *Linguistic Inquiry*, 1983.

PROJETO VERTENTES DO PORTUGUÊS POPULAR DO ESTADO DA BAHIA. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/>>. Acesso em: 10 de agosto de 2019.

QUEDNAU, Laura. A evolução do Latim Clássico para o latim vulgar. *SIGNUM*, v. 17, n. 1 p. 123-147, 2004.

QUEDNAU, Laura. *A síncope e seus efeitos em latim e em Português Arcaico*. In: BISOL, Leda e BRESCANCINI, Cláudia (orgs.) *Fonologia e Variação: recortes do Português Brasileiro*. 1ª ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 79-97.

RAMOS, Adriana Perpétua. *Descrição das Vogais Postônicas Não Finais na Variedade do Noroeste Paulista*. 2009.175f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Instituto de Letras, Universidade Estadual Paulista, Uberlândia, 2009.

SANDALO, F. (1999). Acento e Sonoridade. Artigo apresentado na reunião da ABRALIN, Florianópolis.

SANTANA, J.C. Dias de. *A síncope das proparoxítonas na fala da comunidade de Matinha*. *Zephyrus: Caderno de Iniciação Científica Discente -DLET-UEFS*, Feira de Santana, v.2, n.2, p 30-41, 2008.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.
SELKIRK, Elisabeth. *The Syllable*. In: HULST, Harry; SMITH, VanDer. *The structure of phonological representations*. Foris, Dordrecht, 1982.

SILVA, A. P. da. *Supressão da vogal postônica não-final: uma tendência das proparoxítonas na língua portuguesa com evidências na fala sapeense*. 2006. 133f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa Centro de Ciências humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006

TARALLO, Fernando . *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press: 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]

WILLIAMS, E.B. *Do latim ao Português*. Tradução: Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991. 325p.